

ARGOS

REPOSITORIO INSTITUCIONAL DE LA SECRETARÍA
DE INVESTIGACIÓN Y POSTGRADO DE LA FHyCS - UNaM


Universidad Nacional de Misiones



**Universidad Nacional de Misiones. Facultad de Humanidades y Ciencias
Sociales. Secretaría de Investigación y Postgrado. Maestría en Semiótica
Discursiva**

Miranda Nascimento, María Aparecida

A abreviatura na linguagem formal dos alunos de ensino médio

**Tesis de Maestría presentada para obtener el título de
“Magíster en Semiótica Discursiva”**

Director: García, Marcelino

Posadas, 2012



Esta obra está licenciado bajo Licencia Creative Commons (CC) Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional. <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

UNIVERSIDADE NACIONAL DE MISSIONES
FACULDADE DE HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE SEMIÓTICA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM SEMIÓTICA DISCURSIVA

**A ABREVIATURA NA LINGUAGEM FORMAL DOS
ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

Mestranda: Maria Aparecida Miranda Nascimento

Orientador: Dr. Marcelino García

Posadas –Misiones – Argentina

2012

UNIVERSIDADE NACIONAL DE MISSIONES
FACULDADE DE HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE SEMIÓTICA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM SEMIÓTICA DISCURSIVA

**A ABREVIATURA NA LINGUAGEM FORMAL DOS
ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa
De Semiótica na Universidade Nacional
De Misiones para obtenção de título
De Mestre em Semiótica Discursiva.

Mestranda: Maria Aparecida Miranda Nascimento

Orientador: Dr. Marcelino García

Posadas –Misiones – Argentina

2012

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus por me dar força divina, quando a força humana parecia findar;

Ao meu esposo Roberto que me impulsionou a realizar o sonho de ser mestre e que foi apoio nesta longa caminhada de aproximadamente seis anos sem medir esforços permitindo que eu pudesse me dedicar tranquilamente ao Mestrado;

Aos meus pais, ao meu irmão, cunhadas, cunhado, sobrinhas, amigos, colegas de trabalho que contribuíram para que fosse possível concluir o curso;

Aos meus colegas de Mestrado, a Dione kowalski que me fortaleceu sendo apoio em muitas aulas e viagens a Posadas; A Susimara Passamani com quem troquei informações, dúvidas e foi ainda força para atingirmos nosso grande objetivo, fazer a dissertação; A Rosane Timm César que conversamos sobre temas semióticos e nos confortamos perante as dificuldades do curso;

A Escola Estadual de Ensino Médio Henrique Sommer que oportunizou espaço sempre que necessário. Agradeço à direção, aos professores e alunos que colaboraram com textos, entrevistas...

Aos professores da Universidade Nacional de Misiones que são possuidores de uma vasta inteligência e que sempre se dispuseram a contribuir com a minha formação se dedicando em suas aulas e em especial ao Dr. Marcelino García que aceitou ser meu orientador. Profissional incansável que se colocou à disposição com seu infindável conhecimento para que eu pudesse concluir minha investigação, me orientando com carinho, muita paciência e competência. Aos funcionários da maestria que gentilmente nos atendem e auxiliam.

RESUMO

Esta dissertação tem como tema a investigação das abreviações na linguagem formal dos alunos de Ensino Médio nas aulas de língua portuguesa tomando como base os recursos de tecnologia para informação e comunicação. Com a pesquisa pretende-se descobrir como as abreviações chegam a sala de aula e de que forma são vistas pelos alunos e professores. Também como, para que, onde os alunos usam? Ainda, como ocorre a aprendizagem da língua padrão mediante as abreviações. Para desenvolver a tese recorreremos aos autores semióticos com diferentes abordagens teóricas e metodológicas, desenvolvidos por diferentes autores, entre eles Peirce, Bajtín, Berlanga, Lévy entre outros que nos permitem realizar diversas interpretações de acordo com as abreviações.

PALAVRAS-CHAVE: Abreviações – alunos - língua portuguesa - linguagem formal-recurso tecnológico.

Resumen

Esta disertación tiene como tema la investigación de las abreviaturas formal de los alumnos de la Enseñanza Media en las clases de lengua portuguesa, tomando como base los recursos de la tecnología para la información y comunicación. Con la investigación se pretende descubrir como las abreviaciones llegan a las aulas y de que forma son vistos por los alumnos y profesores. También como, para que, donde los alumnos usan? Además, como ocurre en el aprendizaje de la lengua estándar mediante las abreviaciones. Para desarrollar la tesis recurrimos a los autores semióticos con diferentes abordajes teóricos y metodológicos, desarrollados por los diferentes autores entre ellos Peirce, Bajtín, Berlanga, Lévy entre otros que nos permiten realizar diversas interpretaciones de acuerdo con las abreviaciones.

Palabras clave: Abreviaciones – alumnos - lengua portuguesa – lenguaje formal - recurso tecnológico.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Capítulo 1 - Alinhamentos Teóricos e Metodológicos.....	22
1.1. História da língua/linguagem.....	22
1.2. A escrita e as tecnologias de informação e comunicação relacionadas com a semiótica.....	23
1.3. As teorias semiótica nas abreviações.....	26
1.4. Procedimentos metodológicos.....	38
Capítulo 2 - As Abreviações na Língua Portuguesa e as Novas Tecnologias.....	41
2.1. Análises das abreviações dos alunos na linguagem formal na sala de aula.....	41
2.2. A escola e as abreviações: análise dos questionários.....	71
Conclusão.....	93
Bibliografias.....	99
Anexos.....	102

INTRODUÇÃO

Transformações significativas são constatadas com o avanço das tecnologias de informação e comunicação. Para Pettit (2009:182) o “acesso” à informação e o desenvolvimento das competências necessárias para o manejo entorno da informática serão os novos temas nas agendas educativas, políticas e sociais. A redução do “espaço social” aparece como um desafio associado – inclusive homologado – à luta contra a vulnerabilidade social e à redução da desigualdade a nível social e internacional.

As bases da educação e da informação estão num umbral. De acordo com Pettit (2009:157) dada a centralidade dos meios audiovisuais em nossas culturas, a escola tem que dar conta da civilização da imagem, propondo uma “alfabetização visual”. As novas tecnologias oferecem diariamente situações que nos levam a (re) pensar e analisar de que forma as mudanças em função das tecnologias influenciam na nossa língua escrita formal.

A partir destas colocações, propomos uma investigação sobre as escritas abreviadas dos meios virtual/digital que estão sendo usadas na linguagem formal em sala de aula. Exemplos: Vc (você), pr (para), pq (por que) entre outras.

Existe uma grande polêmica entre os docentes de Língua Portuguesa e disciplinas afins, na qual se questiona se abreviações do mundo virtual podem invadir a sala de aula substituindo a escrita formal da língua portuguesa.

Eis o grande desafio, buscar compreender o emprego das abreviações que tem se tornado polêmico ao ensino da língua portuguesa no Brasil. Como professora de língua portuguesa no Ensino Médio na Escola Henrique Sommer há alguns anos, principalmente no ano de 2008 foi possível constatar a presença das abreviações nos textos formais na sala de aula, com colaboração do Mestrado o fato começou a chamar atenção. Frente a essa realidade, foi que a partir desse fato optou-se por trabalhar este tema nesta escola visto que nas aulas de língua portuguesa ministradas apareciam as abreviações nas produções textuais dos alunos escritas em norma culta.

Por estar cursando Mestrado em Semiótica Discursiva, resolvemos constatar que linguagem é essa da qual se faz uso nos novas tecnologias de comunicação. De que forma essas práticas de escrita estão sendo usadas pelos alunos e vistas pelos educadores e como isso ocorre.

Para Santaella (2006:07) a semiótica é a ciência geral de todas as linguagens. Então usamos a Semiótica para estudar as novas linguagens surgidas a partir das tecnologias de informação e comunicação. Assim tomamos como base essa teoria e seus referidos autores, pois as abreviações são signos possuem diversas linguagens, interpretações.

Ainda, para Santaella (2006:13) as linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem. A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.

Pretende-se com a semiótica fazer uma análise das abreviaturas encontradas nos textos e usar também as entrevistas dos alunos e dos professores. Porém os professores, que são os profissionais em educação, que buscam respostas para o problema apresentado pelo uso das abreviaturas nos textos formais nas salas de aulas.

Com as reflexões na pesquisa, contamos também com Pettit (2009:159) que coloca que a escola é um dos poucos espaços públicos que continuam vigentes e desde ali poderíamos desenvolver recursos e destrezas para apropriarmos adequadamente das produções das novas tecnologias.

A criação das novas tecnologias é a maior revolução na história da escrita desde a invenção da imprensa. Constata-se que há novas maneiras de escrever e são estas que nos tem levado a fazer esta pesquisa, pois ocorre uma invasão de recursos tecnológicos que estão presentes nas salas de aulas.

A apropriação da escrita sem o uso da norma culta é o que tem levado os educadores a realizar este tipo de trabalho, buscar compreender as mudanças que vem ocorrendo nas escolas.

A nova forma de escrever traz características do discurso oral, sinais de rapidez, omissão de vogais para facilitar a escrita, excesso de pontuação, troca de letras, substituição de acentos por letras, e criação de códigos próprios.

Há um grande número de educadores preocupados com essas práticas, temem que estes hábitos possam transformar-se em vícios comprometendo a aprendizagem das práticas formais da língua escrita.

A oralidade na escrita é assinalada por aproximar-se de uma conversa presencial, por se tratar de uma conversa onde falamos com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, sobre assuntos e lugares distintos.

Escrever de forma abreviada, em alguns momentos, traz características de usos da língua no passado, como abreviações, desenhos, porém, podem ser notadas as novidades proporcionadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

É com este intuito que pretendemos analisar as abreviações dos alunos de Ensino Médio usadas na linguagem formal nas produções em sala de aula, tentando identificar por que isso ocorre e quais as contribuições dessas abreviações no contexto da comunicação.

Para realizarmos nossa investigação propomos os objetivos específicos, compreender o porquê das abreviações na linguagem formal e descrever as características da escrita dos jovens na comunicação eletrônica tendo como base o vocabulário percebendo as variações lexicais do emprego da mesma palavra; verificar se a linguagem abreviada influencia no desenvolvimento da escrita da língua formal materna que, aparentemente, pode ter sofrido modificações para economizar tempo; nomear as contribuições da linguagem virtual para a linguagem escrita que se inicia com a redução das palavras escritas, ocorrendo a abreviação; descobrir que configuração de mundo há nos alunos que usam abreviações e os que não usam abreviações e como é a configuração lexical escrita na internet em relação a variante culta do português brasileiro; investigar se os educandos que mais têm acesso aos instrumentos de comunicação contemporânea abreviam mais e quais os aspectos que esse tipo de comunicação influencia nestes educandos; entender qual é a relação do conceito de hibridação cultural com a prática dos alunos que empregam abreviações na produção textual da língua formal culta em sala de aula e Identificar o vocabulário de

variação de grafia da internet, os chamados internetês, que são verificados na escrita escola.

Com este estudo, buscamos compreender se essa modalidade de escrita, signos, símbolos, imagens e outros recursos é uma linguagem apropriada para o ambiente escolar.

É uma forma de escrever que não segue normas convencionais da escrita escolar. Talvez, seja este o motivo que a escola não é receptiva e não reconhece essa modalidade de escrita como meio de comunicação viável para a produção da escrita em salas de aulas. Isto acontece porque a escola receia que os alunos ao fazerem uso desta escrita possam adquirir vícios e dúvidas quanto ao domínio da ortografia.

A presente pesquisa é de caráter descritivo e exploratório. São usados procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica e de levantamento de dados, isto é, qualitativa e quantitativa.

As fontes para análise foram adquiridas por meio de produções textuais e entrevista. Algumas das produções textuais foram realizadas na escola em aulas de língua portuguesa no ano de 2009 numa turma de vinte e seis alunos de segundo ano de Ensino Médio de uma escola pública urbana e outras produções textuais no ano de 2012 nesta mesma escola e também numa turma de alunos de Ensino Médio em aulas de língua portuguesa. As primeiras produções (2009) foram solicitadas aos alunos que escrevessem textos de diversas modalidades tais como notícias, bilhetes, textos dissertativos, cartas, diálogos, breves relatos, descrições... As outras (2012) a professora da turma solicitou produções textuais e deixou os alunos livres, não fez restrição nenhuma sobre abreviações.

Além das produções textuais, realizou-se também uma entrevista escrita, mas considerando a experiência vivida nessa escola e com esses alunos no ano de 2008, quando professora de língua portuguesa dessa turma. Os professores de língua portuguesa e das demais disciplinas do ensino médio, responderam a entrevista escrita.

Para Pettit (2009:157) a escola, como instituição social base das comunidades, segue e seguirá sendo um espaço permanente, nas sociedades latinas - americanas para a entrada de todo o sujeito em sociedade/cultura na lecto/escritura e em costumes/valores.

A Escola Estadual de Ensino Médio Henrique Sommer é a única escola de Ensino Médio no município de Pirapó RS e têm alunos que residem na zona rural e alunos que residem na zona urbana. A modalidade de ensino é preparação para o trabalho. A escola disponibiliza laboratório de informática para seus alunos.

A partir deste estudo, realizamos uma análise de corpus retirados dos textos dos alunos, dos dados dos questionários dos estudantes e dos educadores para observar como estão convivendo com as abreviações.

A escola possui alunos de diversas localidades do município, isto é, alunos que representam padrões culturais e socioeconômicos diversificados, tentando desta maneira, proporcionar uma amostra que possa representar as diversidades da população pesquisada.

A dissertação é composta de dois capítulos, divididos da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta os procedimentos teóricos metodológicos. Inicialmente, apresentamos um breve relato da história da língua portuguesa, inserimos ainda a escrita e suas relações com as tecnologias de informação e comunicação bem como as metodologias referentes à pesquisa de campo através de uma abordagem descritiva e analítica da realidade constatada.

No segundo capítulo focalizamos considerações sobre as abreviações na língua portuguesa do ensino médio em relação às novas tecnologias. Abordamos também sobre a linguagem formal nas salas de aulas na escola nas produções textuais dos alunos de ensino médio. Apresentamos o levantamento de dados, por meio de questionários de educadores, estudantes e análises sobre os mesmos. E por fim as considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

Conhecendo Pirapó RS

Pirapó é um município que está localizado na Região Colonial das Missões, distante 580 km da capital gaúcha, Porto Alegre.

O município faz divisa com Roque Gonzales, Dezesseis de Novembro, São Nicolau e Argentina. Tem como rodovias de acesso a BR 392 de Cerro Largo a Porto Xavier, a RS 168 de Roque Gonzales a São Luiz Gonzaga e a RS 561 de Dezesseis de Novembro a São Nicolau.

Pirapó está distante 35 km de Dezesseis de Novembro, 25 km de Roque Gonzales, 18 km de São Nicolau e 60 km de São Luiz Gonzaga.

A origem do nome vem da linguagem tupi guarani que significa salto do peixe, certamente pela abundância de peixes que havia no passado e que saltavam magistralmente das Cachoeiras do Rio Ijuí, cujo cenário tornava-se mais belo na época das piracemas, no Salto Pirapó, reduto predileto dos índios guaranis, atualmente localizado no município de Roque Gonzales.

Em períodos anteriores Pirapó era habitado por índios Caingangues e, a seguir por Tupis-guaranis, tendo havido neste município uma capela jesuítica, conhecida por Capilla termo proveniente do espanhol que era localizada na Linha Figueira e consta que suas paredes foram transformadas em taipas de pedras, ainda existentes naquela localidade.

Documentos comprovam que ainda na metade do século XIX, já havia por aqui um povoamento luso-brasileiro, que certamente sobrevivia assim como os indígenas, da natureza e de uma agropecuária de subsistência.

No início do século XX, a partir de 1903 que foi fundada uma colonização alemã em Pirapó, através de Ernesto Henrique Guilherme Wilhelm Sommer e familiares, tendo aqui chegado as primeiras 12 famílias no dia 18/05/1904 transportadas por Carretas do Campo, provenientes da região do Vale do Rio dos Sinos RS dando início a mais um povoamento localizado no município de São Luiz Gonzaga, este se passando a chamar de Colônia Sommer, depois de Colônia de Pirapó e, a seguir simplesmente

Pirapó, retornando às origens, uma vez que num período bem anterior ao século XX, os atuais municípios de Pirapó e Roque Gonzales denominavam-se Pirapó, cujo cacique maior foi o índio guarani Nheçu, que habitava o Cerro do Inhacurutum, tendo sido sob suas ordens que morreram os Três Mártires das Missões.

Em Pirapó ainda há vestígio de indígenas e muitas marcas, principalmente na arquitetura da colonização alemã de outrora.

Pirapó iniciou sua campanha pela emancipação em 1981, quando uma comissão iniciou a luta pela conquista da autonomia, não sendo exitosa na primeira tentativa, em 1948. Após isso, uma segunda comissão foi formada, com a substituição de alguns membros e acréscimos de outros, desta vez logrando êxito e o plebiscito foi realizado em 20/09/1987 apurou 90% dos votos para o sim, sendo criado o novo município de Pirapó em 30/11/1987, através da Lei nº 8425, com sua instalação efetuada em 1º de janeiro de 1989.

A área total do município é de 287 km². População de 2800 habitantes, aproximadamente. Entre estes habitantes estão os alunos e professores que integram esta pesquisa.

Na economia temos a agropecuária com a criação de gado de corte e leite, cultivo de soja e trigo. Em menor escala está a piscicultura, a pesca, a suinicultura e a ovinicultura.

Pirapó tem três escolas municipais de Ensino Fundamental, todas localizadas no interior do município. Não há escola particular nem instituição de Ensino Superior. A cidade não oferece cursos de idiomas, informática.

As opções de internet na cidade são via rádio, pelo telefone fixo, a chamada Oi Velox e através de modem da tim. Para uso no celular a internet da operadora tim é a de menos valor, R\$ 0,50 centavos ao dia. Só paga quando usa. No interior somente via rádio ou no celular a internet da tim.

Não há no município emissor de rádio ou televisão local. Assistimos televisão e ouvimos rádio, mas de outras cidades.

A cidade não oferece Lan Houser privados. Temos somente o Telecentro Comunitário na Prefeitura Municipal que fica aberto ao público de segunda à sexta no horário das 8 as 11 e 30 horas pela manhã e à tarde das 13 e 30 às 17 horas sem custos para quem quiser fazer uso.

Na cidade há um número significativo de casas com internet, mas no interior do município são poucas as famílias que possuem internet.

Das três escolas municipais, duas tem Laboratórios de Informática com internet via rádio para uso dos alunos e professores.

A Escola Estadual de Ensino Médio Henrique Sommer que foi a escola que abriu espaço para realizar a investigação desta tese possui Laboratório de Informática com internet para uso dos alunos e professores com aulas de informática no Laboratório da escola. Não muitos os alunos que tem computadores em casa, mas que usam internet no celular é a maioria.

Pirapó também tem seu potencial turístico, histórico e paisagístico com destaque para a Praça Municipal com equipamentos históricos:

Máquina a Vapor e Pedras de Moinho;

Igreja Matriz em estilo gótico e Casa Canônica com seus belos adereços ou afrescos nas paredes internas;

Casario Germânico em estilo enxaimel sendo dois restaurados – um para Casa da Cultura e outro para ocupação da Polícia Civil e Militar, além de casas ao natural;

Capão da Antiga Capia (Capela Jesuítica) chamada em espanhol de Capilla na Linha Figueira;

Poço dos Jesuítas e a Caverna que servia de guarda-louça dos índios guaranis, localizados na divisa da Linha Figueira; Barra do Ijuí – local de encontro dos Rios Ijuí e Uruguai, de onde se avistam terras brasileiras e argentinas, em cuja travessia através de balsa e chalana, alcança-se o município de Roque Gonzales;

Casco de um Barco que atuou na Exportação de Industrializados agropecuários num período bem anterior aos 50 anos, localizado às margens do rio Ijuí, na Linha Jatevoque;

Quinze grutas de cunho religioso;

Corredeiras e Quedas de Água ao longo dos Rios Ijuí, destacando-se o Tombo das Onze Quadras e, no Rio Uruguai, destacando-se as Cachoeiras da Linha Figueira;

Balneários Naturais e Locais de Pesca e Acampamentos ao longo dos Rios Ijuí e Uruguai, bem como as belas ilhas, grandes e pequenas, que há ao longo dos rios.

Entre os eventos culturais Pirapó e conhecido regionalmente por termos:

Rodeios;

Carreiradas;

Café Colonial;

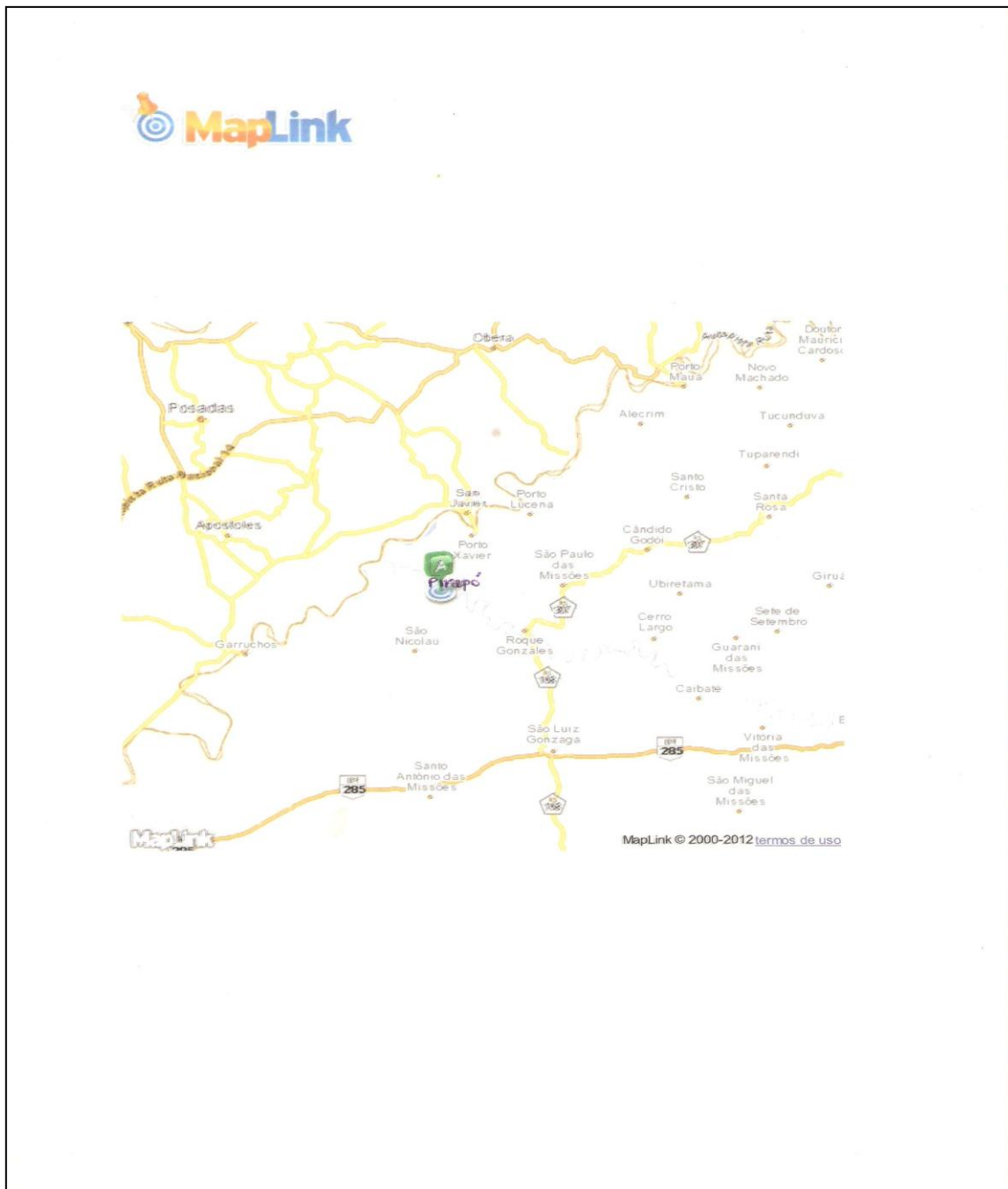
Expo Pirapó Comercial e Artesanal de Produtos caseiros;

Romaria das Águas;

Baile de Chopp;

Chegada do Papai Noel e Natal Solidário.

Mapa que indica caminho para chegar em Pirapó RS



Mapa urbano da cidade de Pirapó RS

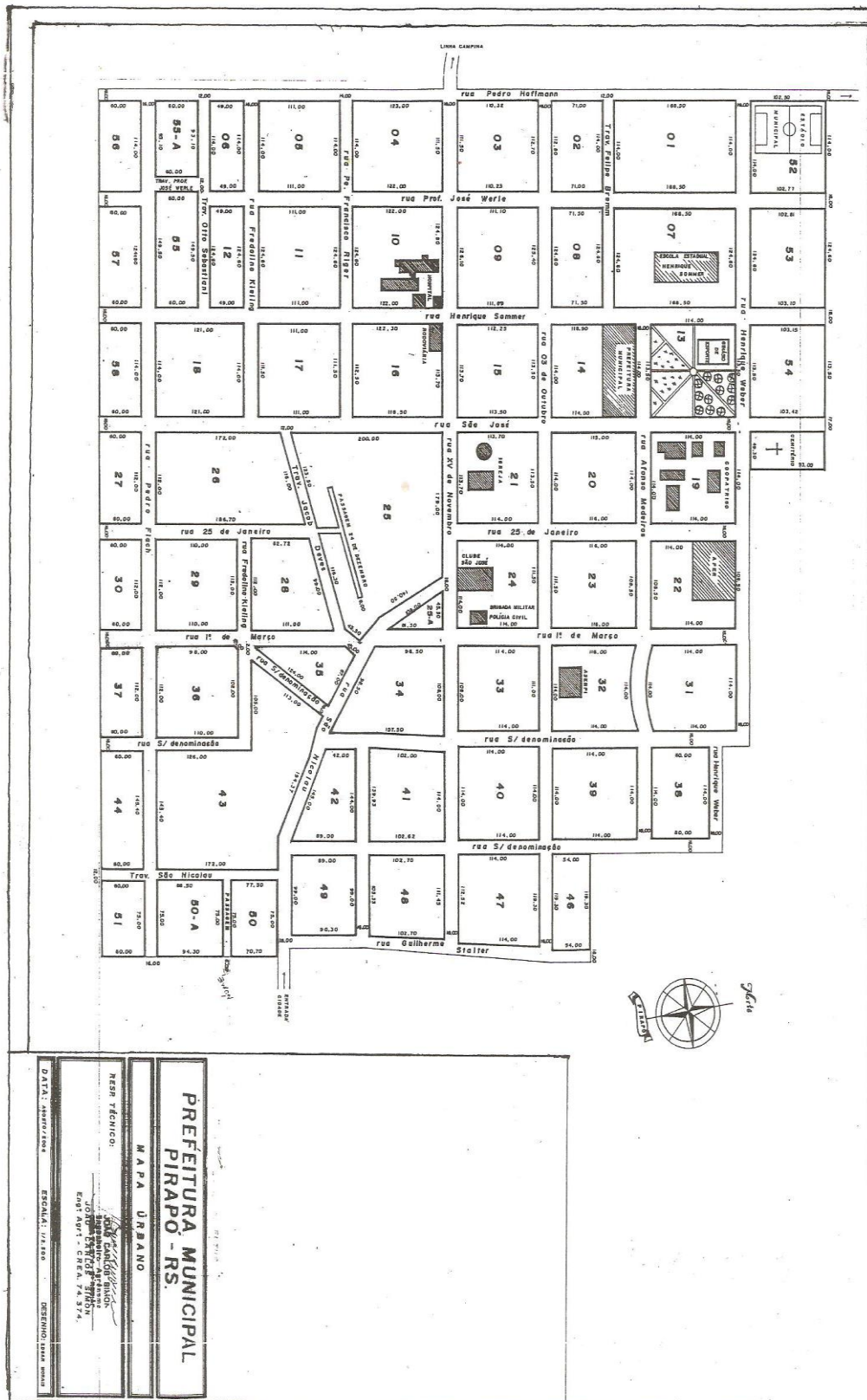


Foto da frente da Escola Henrique Sommer



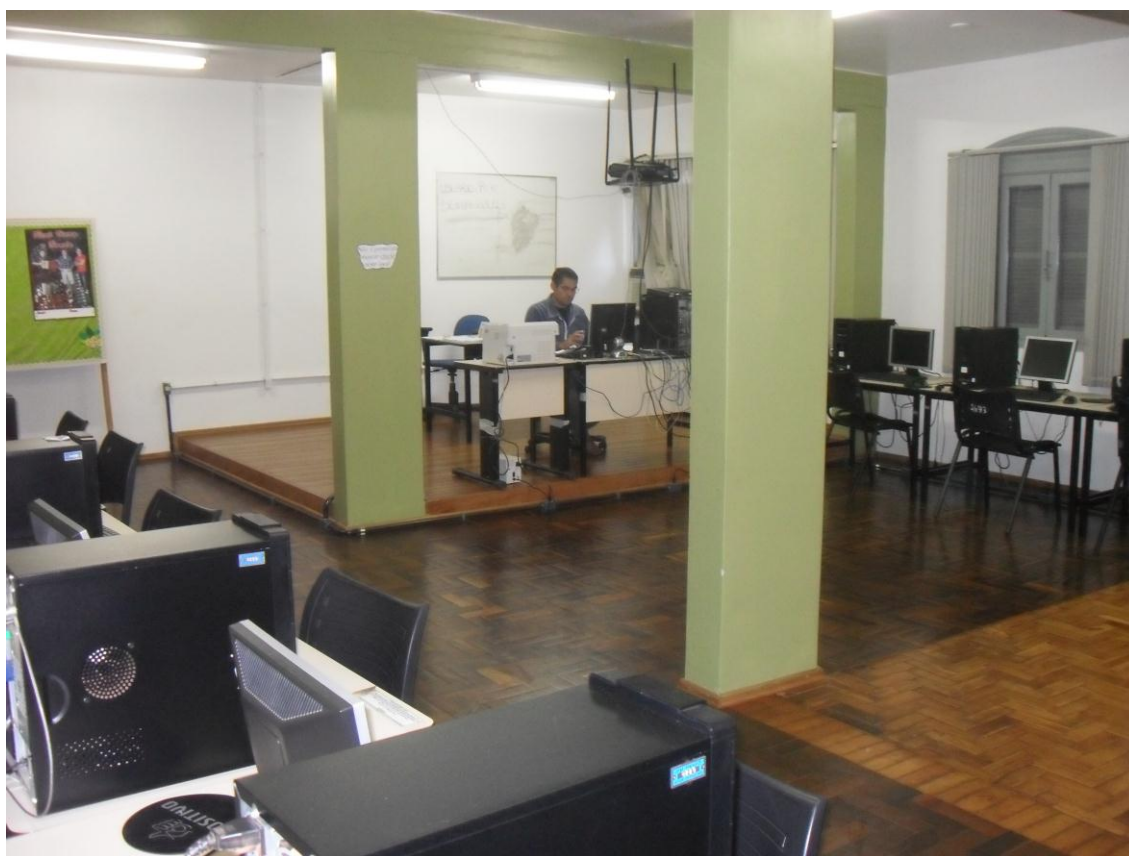
Laboratório de Informática da Escola Estadual Henrique Sommer



Foto da Prefeitura Municipal de Pirapó RS



Foto do Tele Centro Comunitário na Prefeitura Municipal



CAPÍTULO I

ALINHAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Este capítulo é constituído por duas partes, correspondentes aos alinhamentos teóricos e metodológicos da investigação. Na primeira parte (1.1) faz uma breve abordagem da História e da evolução da língua escrita/linguagem. Na segunda (1.2) trata da relação da escrita/linguagem com a sociedade contemporânea relacionada à semiótica. Na terceira (1.3) se desenvolve uma trama conceitual mais delimitada, onde situamos o problema abordado, que nos permite reflexionar sobre seus alcances. Na quarta se apresenta a metodologia do objetivo proposto.

1.1. História da língua/linguagem

Não podemos imaginar um mundo sem a escrita/linguagem. Como iríamos fazer nossas anotações, escrever um bilhete, um convite, um recado em situações de urgência, ou para um grande amor. Como seria difícil. Mas e a carta, a redação, a tesi.

E as escolas, será que existiriam? Como seriam os registros, os documentos...

Teríamos muitos itens a elencar para um mundo sem escrita. Atualmente nem paramos para pensar como tudo poderia ser diferente se não houvesse a escrita. Estamos acostumados com ela que parece que sempre existiu.

Sabemos que a escrita surge anos após a linguagem. Piscitelli (2002: 200) traz que se de muitas experiências se pode dizer que não seremos os mesmos antes e depois, a alfabetização é algo do que nunca – e não somente para o bem – nada voltará. A escrita surgiu depois da conhecida revolução neolítica, tendo sua história dividida em três etapas: pictórica, ideográfica e alfabética.

A etapa pictórica está relacionada à época dos desenhos ou pictogramas, sendo que estes estão desassociados de som, mas a imagem da representação. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade. Estão presentes em

inscrições antigas, podendo ser vistos de maneira mais elaborada na escrita asteca e, mais recentemente, nas histórias em quadrinhos, nos gibis.

A etapa ideográfica é apresentada pelos ideogramas, os símbolos gráficos que representam diretamente uma ideia, tendo como exemplo, alguns sinais de trânsito.

A fase alfabética se caracteriza pelo uso de letras. Na atualidade, as línguas possuem alfabeto.

Estamos acostumados a escrever que esquecemos que nem todos escrevem como nós. Infelizmente, ainda temos no Brasil pessoas que não escrevem que apenas “desenham” o nome.

Sabemos que houve um tempo, embora passado que somente a elite tinha acesso à educação, a alfabetização, a escrita. Os demais tinham que pedir ajuda aos que sabiam. Hoje, praticamente, todos tem acesso a educação, mesmo assim temos dificuldades para escrever, ou seja, usar as normas cultas da escrita, principalmente após o avanço das tecnologias de informação e comunicação.

Escrever é um ato pessoal, inteligente, particular, exige habilidades de elaborar a escrita para depois reproduzi-la. É necessário concentração, pois há diferença entre língua escrita e língua falada. Na língua escrita temos inúmeras regras a seguir enquanto que na língua falada não há tanto rigor.

1.2. A escrita e as tecnologias de informação e comunicação relacionadas com a semiótica

Sabemos que as interações com o outro e com o mundo acontecem além das palavras. A evolução da sociedade da comunicação nos oferece formas diversas de interação e informação.

É a partir destas situações que a escrita precisa ser investigada. É particular de o homem utilizar signos para expressar seus pensamentos, aspirações, sonhos, objetivos. Desde a pré-história a linguagem sempre representou a expressão do homem.

No passado eram usados desenhos, códigos. Na atualidade, não precisamos mais rabiscar, desenhar e pedras...Hoje os recursos para a escrita são muitos, e ainda, muito diferentes. Eis a grande questão!

O que predomina agora é a cultura virtual/digital. Como estamos nos relacionando com esta cultura predominante? O que nos acrescenta? Somos bombardeados por links. As informações estão num clique. Como estamos assimilando estes recursos tecnológicos?

É do nosso conhecimento que a interiorização da linguagem escrita precisou de tempo para se constituir e somente foi possível com a ampliação das condições para a produção de textos escritos. Para escrever, foi necessário que instrumentos fossem providenciados, assim como foram necessários suportes para o registro.

Assim, abordamos Pettit (2009:171) que diz se o analisarmos de maneira progressiva, poderíamos ver que é o passo da comunicação oral à comunicação escrita o que dá início a um processo civilizatório numa sociedade.

Com a cultura contemporânea acontece o mesmo, parece que ainda não foram providenciadas as medidas para nos apropriarmos corretamente de todos os recursos tecnológicos que nos oferecem.

Neste contexto estão os alunos de ensino médio aos quais nos referimos para desenvolver esta investigação. Precisamos dominar os instrumentos para a produção desta escrita.

Pettit (2009:173) considera que em internet conflui uma série de elementos que nenhum outro meio de comunicação havia conseguido em períodos precedentes, pois é rádio, tv, jornal, cinema, livro, telefone, correio, lugar de encontro, de estudo, lugar de esparecimento - entre outros –onde os sujeitos interatuam a escala planetária.

Compreender a escrita contemporânea é tão importante quanto aprender a ler e escrever as palavras. A alfabetização amplia-se para que possamos ler não só as palavras, como também as imagens e os sons que muitas vezes acompanham as imagens. O analfabeto, hoje, não é simplesmente aquele que não sabe ler a palavra escrita, mas o que não compreende os textos do seu contexto social. Logo, quanto maior o domínio sobre os signos/códigos/linguagens, maiores serão as oportunidades que o

cidadão terá à sua disposição para entender o mundo em que vive e para com ele interagir.

Com o fenômeno da Internet aumentou, e muito, o número de escritores. Nunca se escreveu tanto como agora. Os motivos para tantos escritores no mundo virtual são muitos. Praticidade, economia, acessibilidade, despreocupação das normas gramaticais, que o fator em estudo nesta tese e tantos outros que talvez cada internauta iria listar.

Diariamente milhares de pessoas se conectam a Internet. Tudo está acessível, não há dificuldade para adquirir um celular com todas as funções possíveis ou computadores, seja o aparelho que for. Quando temos estes aparelhos a nossa disposição fizemos uso deles.

A tecnologia nos proporciona diversas formas de interagir. Não importo o local onde estamos, podemos acessar internet no celular, que é o caso dos alunos que fizeram as produções textuais, pois há promoções convidativas por serem de baixo custo o acesso a internet. Podemos usar também computadores, gps, rastreadores...

Ao usarmos estes equipamentos temos que ser rápidos, breves, mostrar resultado para com quem estamos nos comunicando. Ainda, as novas modalidades de comunicação nos permitem bater papo, fazer negócios, paquerar, namorar... São tantas as opções. O que facilitada estas situações é a liberdade que temos para escrever. Não nos é cobrado às formalidades da língua padrão. Os usuários criam suas próprias palavras, as chamadas abreviações.

A escrita virtual tem provocado muitas discussões. Constantemente, usuários cometem erros de pontuação, gramática, ortografia, ou mesmo no emprego de maiúsculas e minúsculas. Há pessoas que escrevem errado só para mostrar que são modernas. Temos que pensar como está sendo usado este conceito de moderno. Que modernidade é esta que foge as regras?

Ao pensarmos sobre a intensidade das abreviações nos colocamos a pensar se está ou não ocorrendo uma invasão tecnológica na linguagem formal? Como ficam nossos alunos que estão em busca de uma formação? Que conhecimentos da língua formal terão?

A globalização também representa uma evolução para a língua escrita, já que um dos seus objetivos é integrar todos os povos, usando como instrumento os modernos meios de comunicação disponíveis. Neste caso, a escrita e a Internet são importantes instrumentos para a globalização.

Não sabemos exatamente o que originou a escrita. Mas, sabemos que foi um grande avanço para o desenvolvimento da humanidade, pois foi a partir dela que podemos fazer nossos registros, documentar a história pessoal e social. Assim, o domínio da língua escrita marca o início da História humana.

Com a Internet, que é a maior rede de comunicação e informação criada pelo homem até hoje, escrever ficou ainda mais prático, por isso aumentou muito o número de escritores e foi criada uma nova face para a língua escrita.

Para Portela (2008:78) a comunicação é a ação dos homens sobre outros homens, criando relações intersubjetivas e fundando a sociedade. Isso alarga o objeto da comunicação, incluindo nele uma gama considerável de fenômenos, que vão desde a conversação cotidiana até a internet.

Hoje, ao falar em comunicação estamos falando em internet. Não há como fazer tal separação. São milhares de pessoas têm acesso a este meio, pois a facilidade que o mundo consumista oferece nos insere inconscientemente nos recursos virtuais/digitais. Este acesso facilitado que nos leva a investigar as novas formas de se comunicar, de escrever usada nos recursos eletrônicos que dispusemos.

1.3. As teorias semiótica nas abreviações

Com o objetivo de estudar, de investigar, de compreender como estas abreviações usadas pelos jovens nos meios de comunicação de tecnologia digital é que fazemos uso da semiótica.

Na concepção de Peirce (1996:9), a semiótica é a doutrina da natureza essencial e as variedades fundamentais das semiosis possível. Para Piscitelli (2002:109) a semiologia é importante para pensar/atuar este processo porque o que está em jogo não

é a configuração da imagem, mas sua temporalidade. Ainda, para Santaella (2006: 9,10), a semiótica é a ciência de toda e qualquer linguagem.

Elizalde (2010:33) coloca que a linguagem, por exemplo, não é neutra. Nunca é simplesmente denotativa. Não se reduz a nomear as coisas. Está carregada de interpretação.

Ao abordar linguagem inserimos a semiótica, que é uma área que vem ganhando destaque no campo da comunicação, pois se torna fundamental e imprescindível compreender a relação do homem com os diversos signos existentes em sociedade.

Segundo Peirce (1996:22), um signo é algo que representa algo para alguém. Se dirigir a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo ainda mais desenvolvido. Este signo criado é chamado de interpretante do primeiro signo. O signo está em lugar de algo, seu objeto.

Assim, buscamos porque as abreviações se tornaram frequentes e intensas em nossos dias ao ponto de serem levadas para as salas de aulas nas produções de norma culta. Considerando a colocação de Peirce, o que representam - significam para os jovens essas abreviaturas, esses signos? Quais são os objetivos comuns desses jovens com o uso dessas abreviaturas?

Por esse motivo que surgiu a necessidade de investigar este fato usando teorias e concepções de pensadores semióticos, para posteriormente tendo base nesse referencial teórico, buscar as possíveis intervenções e análises acerca da proposta inicial deste projeto de pesquisa.

Por que estão sendo usadas tantas abreviações, tantos signos novos? De que forma está ocorrendo? As abreviações são favoráveis para aprender a língua padrão e para o desenvolvimento da linguagem? Qual a relação que existe entre hibridação cultural e abreviaturas?

Para García Canclini (2006: 285), hibridação cultural é a variação de cultura que se observa nas sociedades. Agora, a cultura digital predomina. Já tivemos outras como o rádio, a tv. A cultura digital que dispomos é um dos meios que ajudou a propagar as abreviações da linguagem escrita. Segundo Berlanga (2010:58) a cultura é transmitida até agora prioritariamente de forma verbal.

É na internet, no virtual que há uma aproximação de cultura com a forma verbal. Wolton (2000: 17) nos coloca que a internet vai trocar tudo. A rede mundial interativa trocará radicalmente a humanidade, as condições de vida em sociedade, o trabalho, a cultura, a educação, a investigação, a criação...

O que Wolton nos coloca já é possível constatar. As transformações sociais provocadas pela internet propiciaram uma diluição de fronteiras e houve a necessidade de rompimento de estereótipos. Não há mais limite para a comunicação e isso tem provocado uma hibridação cultural que está presente na escrita, são as abreviaturas.

A apropriação da linguagem escrita abreviada sem o uso da norma culta de que fazem uso no ciberespaço, tem causado muitas controvérsias entre os educadores. A escrita ganhou outras ferramentas de difusão, outros espaços de edição e gêneros linguísticos eletrônicos com diferentes modalidades de escrita. Consequentemente, com práticas e representações de escrita que se perpetuam e se renovam através do computador, do celular que também possui internet, sendo ainda mais prático por ser de tamanho menor e de preço acessível. Neste meio estão os adolescentes.

Segundo Pettit (2009: 157) os meninos e os adolescentes, entanto sujeitos em formação e construção do sócio afetivo e do cognitivo se encontram, especial e particularmente, expostos e vulneráveis ante a dominante cultura da imagem, do espetáculo e da ação do discurso audiovisual.

A cultura da imagem traz novas formas de escrita. Assim temos a linguagem escrita com novas ferramentas de difusão, outros espaços de divulgação. Como consequência estas transformações com práticas diferentes se expandem e podem ser identificadas nas escolas por meio do comportamento, da produção de textos dos estudantes que escrevem, interação de forma diferente. A linguagem sempre foi a forma de interagir, comunicar.

Inserimos Havelock (1995: 37), nos trazendo que é um fato aceitável que as sociedades humanas pré-históricas se formaram sobre a base da intercomunicação através da linguagem.

Atualmente, ainda a base da intercomunicação continua sendo a linguagem, mas sendo escrita de outra forma: abreviada. Essa linguagem recente, que de acordo com a

semiótica também é chamada de signo é que trazemos Bajtín (2006: 246) colocando que todo signo é um produto histórico cultural, está determinado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social.

Sabendo que temos uma cultura de imediatismo, é que usamos os signos, a linguagem abreviada, para ser breve e não ocupar muito tempo, pois a intenção é comunicar, decifrar o que nos está sendo colocado. Os alunos estão se construindo pela linguagem abreviada. Por ser desta forma, é que a linguagem vem se transformando com a sociedade.

Pettit (2009: 157) aborda que através da escola, o sujeito criança/adolescente entra na socialização secundária de forma sistemática e organizada. Ao ser esta instituição o espaço social desde onde reafirma e ressignifica sua pertinência a uma determinada comunidade histórica, é que a consideramos “o lugar privilegiado para afrontar as novas trocas técnico-culturais”.

Está nítida a responsabilidade da escola enquanto espaço social orientar sobre as mudanças culturais. É na escola o local para estudar, pensar, refletir e ter uma orientação que permita a socialização. Então, é o professor quem deve estar em condições de realizar estas funções. Como fica a preparação destes profissionais em educação com relação a tais colocações? Que caminho seguir frente às inúmeras formas de abreviar a linguagem? Há uma escrita cheia de opções para abreviar.

Mas afinal, o que é linguagem? Bajtín (1929: 227) conceitua a linguagem como produto da atividade humana coletiva, e reflete em todos seus elementos tanto na organização econômica como a sócio – política da sociedade que o tem gerado. Se a linguagem é produto, coletivo, e ainda, reflete na sociedade é por esse motivo que estamos tendo uma geração de estudantes abreviando a linguagem. Essas abreviaturas podem ser um reflexo de uma sociedade pós- moderna?

Inserimos Pettit (2009: 9), a essência do homem como ser social lhe exigiu produzir intercâmbios de informação, desde as primogênicas formas de gestualidade, o uso da linguagem, a criação de meios de comunicação, até as atuais tecnologias da informação e a comunicação. Podendo o homem também comunicar-se com ele mesmo através do pensamento, ou seja, a comunicação intrapessoal.

Não importa a forma de comunicação, sempre estarão presentes os símbolos. Comunicar está na essência do homem. O uso da linguagem faz parte do homem.

Pelo fato da linguagem, também nomeada como signo pela semiótica passa ser um ato concreto é que está evoluindo, se modificante mediante a evolução da sociedade. Se assim não fosse, se permanecesse instável a linguagem deixaria de ser considerada social. O que é social se modifica juntamente com a sociedade.

Observando Bajtín (2006: 169), este traz que não pode desconhecer-se que a língua como sistema estável de formas normativas idênticas, mas a linguagem é um processo contínuo de geração levado a cabo na interação discursiva social dos falantes. Por ser desta forma, é que a linguagem vem se transformando com a sociedade. Se há predomínio do virtual na sociedade, sucessivamente sucederá na linguagem, na expressão do homem, na maneira de empregar e representar os signos.

Essas modificações, o acesso a inúmeras informações e das mais variadas fontes faz que cheguemos a nos sentirmos desinformados, porque muitas vezes não conseguimos acompanhar esse ritmo tão acelerado. Para Piscitelli (2002: 116) as realidades virtuais são uma expansão da realidade, promovendo experiências compartilhadas a grandes quantidades de pessoas.

Nesse contexto, encontram-se os alunos que são uma parte da sociedade que está mais familiarizada com essa realidade, já que nascem inseridos nessa conjuntura, diferentes de seus pais e professores que sentem certo receio, e muitas vezes, dificuldades em adaptar-se ao novo.

Para Morduchowicz (2008: 21) é preciso analisar o modo em que as crianças e jovens integram os meios de comunicação a sua cotidianidade, assim como também a forma em que estes incidem na construção de sua identidade individual e coletiva, sempre em relação com o contexto pessoal, familiar e social em que vivem.

A escola é uma instituição básica instituída. Não há como a escola não sentir as revoluções da comunicação sendo um espaço social. Os educadores estão num umbral diante as abreviaturas dos alunos nos textos formais. Acrescentamos Morduchowicz (2008: 18) que nos questiona: Que influência exerce os meios sobre o êxito ou o fracasso escolar dos alunos.

É essa dinâmica que nos remetemos neste trabalho. Fato este que tem causado alguns alertas, pois cada dia é mais comum o uso da linguagem informal em sala de aula, dificultando o entendimento professor aluno e inclusive o melhor desempenho do aprendizado da escrita formal.

De acordo com Pettit (2009: 158) a escola é um dos poucos espaços públicos que continuam vigentes e desde ali podemos desenvolver recursos e destrezas para apropriarmos adequadamente das produções das novas tecnologias.

A escola pública brasileira está sendo o espaço colocado anteriormente por Pettit?

Desde a universalização da educação básica a partir da metade do século XX, a escola pública tornou-se responsável pela educação da maioria da população. Esse fato é muito importante considerando que anterior a essa época a escola era um privilégio de poucos. No entanto, nas últimas décadas, muito se tem ouvido falar na ineficiência do ensino das escolas públicas brasileiras.

Ao que se refere à língua portuguesa essa ineficiência pode ser comprovada observando a grande maioria dos alunos formandos do Ensino Médio que não sabem produzir textos escritos adequados a determinadas situações comunicativas. Sendo assim, o que se espera da escola, hoje, é um ensino de língua portuguesa que ajude o aluno a tornar-se um leitor autônomo e produtor competente de textos.

Como a escola pode transformar o aluno num produtor de textos competentes perante tantas transformações sociais? Temos que ter um novo olhar considerando a inserção das novas tecnologias?

De acordo com Pettit (2009: 25) a olhada psicossocial, no atual contexto de crescente inserção das novas tecnologias de informação e da comunicação em todas as esferas da sociedade, nos conduz a observar as formas em que estas se inscrevem na cultura e na educação, atravessando os espaços institucionais e a vida cotidiana dos sujeitos, gerando novas narrativas da comunicação; reconfigurando pautas culturais em nível de discursividade e dos processos de interação social.

Para Elizalde (2010: 35) a educação é um fenômeno ambíguo e paradoxal. Contém componentes libertadores e componentes domesticadores. O caráter libertador

da educação diz relação com aqueles aspectos que esta proporciona ao ser humano para desenvolver suas potencialidades, para fazer-se mais plenamente humano.

Com esta citação de Elizalde, temos que refletir se a educação que estamos oferecendo hoje, quando nossos alunos não conseguem produzir textos adequados com a situação que se encontram, essa é uma educação libertadora? Como os jovens irão desenvolver suas potencialidades se não conseguem separar as abreviações da linguagem coloquial da língua culta? Qual relação da linguagem com o desenvolvimento das potencialidades?

A presença da linguagem em nosso meio é mais antiga do que se imagina. A necessidade de comunicação entre as pessoas e posteriormente os povos de diferentes nações foi fator essencial para a criação de diferentes linguagens; falada, escrita, desenhada. E assim com o passar do tempo essa linguagem foi ganhando novas formas, novas adaptações chegando ao uso intenso de abreviaturas.

Bajtín (2006: 17) diz que as diversas esferas da atividade humana estão relacionadas como uso da língua. Por isso está claro que o caráter e as formas de seu uso são tão multiformes como as esferas das atividades humanas.

Tendo como base a colocação de Bajtín no parágrafo anterior, temos então que entender essas mudanças na língua e ter clareza de que não são fatos isolados, mas vinculados às atividades que fazemos. Talvez, seja esse o caminho que nos ajudará a compreender as abreviaturas de nossos alunos.

Segundo Morduchowicz (2008: 28) as novas gerações se encontram imersas no presente, “presentismo” que acostumam ver-se em conexão com os riscos estilísticos da sensibilidade mediática: o predomínio dos filmes de ação e de efeitos velozes sobre as narrativas de longo prazo: a intensidade da comunicação instantânea possibilitada pela internet; a obsolescência planificada dos produtos e mensagens; a fugacidade das modas, a informação e os chateios.

Continuando com Morduchowicz (2008: 30) quais são os signos sociais dos jovens?

A linguagem diante a evolução das tecnologias de comunicação, aparece com inúmeras práticas de escrita, com quebra e inserção de normas, na linguagem, na escrita.

Constatamos com o advento da internet, transformações visíveis em toda a sociedade. Muda-se de forma destacável o fluxo de informação. As interações e as interlocuções entre os seres se transformam e modificam as organizações sociais. Piscitelli (2002: 35) traz que o computador digital fez possível a aparição de uma nova tecnologia textual.

Essa nova tecnologia digital possibilita a criação das páginas na internet, leitura digital, hipertextos e tantas outras ferramentas digitais. Pierre Lévy (2003: 196) diz que se trata, provavelmente da maior revolução na história da escrita, desde a invenção da imprensa.

García Canclini (2008: 54) afirma que as redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou talvez, imaginá-lo.

Na concepção de Piscitelli (2002: 113) um mundo virtual é uma base de dados gráficos interativa, explorável e visualizável em tempo real sob a forma de imagens e sínteses tridimensionais que permitem uma imersão na imagem.

Ainda, o virtual nos propõe outra experiência do real. As imagens virtuais não são simplesmente ilusões visuais, meras variantes da representação. As imagens virtuais, pelo contrário, podem ser visitadas, exploradas e palpadas pelo usuário.

Dentre os diversos espaços virtuais que podemos destacar, os sites com programas de conversa instantânea e ou simultânea, são os que apresentam mais variações na escrita, pelo fato de a escrita não ser necessariamente formal.

A oralidade na escrita é marcante para aproximar-se de uma conversa presencial e também, por se tratar de uma conversa onde se fala com mais de uma pessoa, de assuntos e lugares diferentes. Sem o uso da oralidade a conversa poderá tornar-se uma comunicação formal sem expressão de sentimentos. Isso pode justificar o uso de símbolos tornando mais divertida e ágil a conversa. Símbolos estes que nos levam a repensar a qualidade de educação no Brasil, pois parecem que os alunos deixam de usar a linguagem formal para inserir abreviatura, símbolos. Será esta a atração dos adolescentes? Essa espontaneidade permitida pelas abreviações, pelos símbolos?

Segundo Piscitelli (2002: 114) símbolos escritos num teclado criam universos de formas e cores em permanente metamorfose. As imagens infográficas podem emitir à natureza, traduzir as teorias em formas sensíveis ou fazer com que nos mergulhamos fisicamente em mundos com propriedades desconcertantes.

Se a principal função da linguagem, tanto escrita quanto falada, é a comunicação entre duas ou mais pessoas. Assim, se a linguagem cumprir satisfatoriamente esse papel, estará cumprindo seu objetivo.

A pós-modernidade está minada com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, é o virtual que está inserido. Mas então, o que é esse virtual? Para Lévy (1996: 15), a palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato.

Considerando a origem da palavra podemos inferir que virtual significa algo que predomina, nesse caso, as tecnologias eletrônicas. São essas novas formas que produzem e reproduzem mudanças na percepção do espaço e do tempo. Segundo Piscitelli (2002: 114) como os mundos virtuais são totalmente sintéticos, pode ser programado a vontade, e se convertem em instrumentos privilegiados para a exploração de novos tipos de espaços.

A sociedade contemporânea dispõe dos mais diferentes recursos tecnológicos como aparelho celular, caixas eletrônicos nos bancos, internet, notebooks, palmtops, rastreadores com gps, entre outros aparelhos que criam a impressão de que podemos localizar e sermos localizados.

Esses recursos mencionados permitem que ocorra a virtualização. De acordo com Lévy (1996: 17-19) a virtualização é uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado. Ainda, a virtualização tem como uma das suas principais modalidades o desprendimento do aqui e agora.

Quando acontece esse desprendimento do aqui e agora é que temos a sensação que podemos localizar e sermos localizados, pois são muitas as formas virtuais presentes. Podemos estar no Brasil e falar com alguém da Argentina através do celular, do msn etc. É possível localizarmos e um veículo com gps (rastreador) usando a internet

no celular, no notebook, ou como preferir. Também além de localizarmos dispomos de tantas outras informações como velocidade, distância...

Os avanços surgem com uma velocidade nunca vista em outros tempos. O homem participa dessa evolução. Ele é um ser social e sua linguagem também é social. Bajtín (2006: 168) destaca o uso e o valor social da linguagem como ato concreto.

São os nossos alunos que interagem com muita facilidade diante de tantos recursos virtuais. Lévy (1996: 20-21) diz que a virtualização reinventa uma cultura nômade, não por volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia.

Podemos entender então que somos nômades diante de tantas informações, pois estamos constantemente usando várias fontes e ainda, num mesmo momento é possível usar mais de uma. Por exemplo, podemos estar conectados a internet nos comunicando com várias pessoas ao mesmo tempo de forma rápida e abreviada e, ainda, fazendo pesquisa sobre determinado assunto apenas usando o teclado, a força dos dedos.

Os alunos convivem constantemente com variados recursos tecnológicos durante muito tempo e com isso, levam essas abreviaturas para a linguagem culta ou formal que são utilizadas nas produções textuais nas escolas.

Segundo Pettit (2009: 25) as tecnologias de informação e comunicação são o fenômeno cultural mais significativo da segunda metade do século XX. Tem revolucionado as comunicações e impactado tanto no espaço social e institucional como na vida privada das pessoas. Com o advento de tecnologias da informação e a comunicação, nos encontramos nos umbrais de profundas mutações nos processos de subjetividade, no mundo do trabalho, nas instituições básicas instituídas na modernidade.

A presença da linguagem em nosso meio é mais antiga do que se imagina. A necessidade de comunicação entre as pessoas e posteriormente os povos de diferentes nações foi fator essencial para a criação de diferentes linguagens; falada, escrita, desenhada. E assim com o passar do tempo essa linguagem foi ganhando novas formas, novas adaptações chegando ao uso intenso de abreviaturas.

Bajtín (2006: 17) diz que as diversas esferas da atividade humana estão relacionadas como uso da língua. Por isso está claro que o caráter e as formas de seu uso são tão multiformes como as esferas das atividades humanas.

Tendo como base a colocação de Bajtín no parágrafo anterior, temos então que entender essas mudanças na língua e ter clareza de que não são fatos isolados, mas vinculados às atividades que fazemos. Talvez, seja esse o caminho que nos ajudará a compreender as abreviaturas de nossos alunos.

Observe Havelock (1996: 62) tinha a intuição do ressurgimento de uma mitologia da palavra falada, adaptada, manufaturada, manipulada e organizada pelos meios eletrônicos? Podemos dizer que essa linguagem contemporânea, minada de abreviaturas é a mesma da intuição de Havelock?

Temos também Wolton (2000: 21) que nos traz que o homem está cada vez mais horas levando em consideração as atividades comunicativas. Já não lê tanto o jornal nem tantos livros, mas escuta o rádio, olha a televisão, fala ao telefone redige fax e agora, navega na internet. Neste contexto estão os alunos.

A dúvida é como os alunos comportam-se diante dessa realidade, pois estão em fase de amadurecimento, conflitos, decisões, e não está maduro o suficiente para ter um olhar crítico diante de determinadas situações e percebemos que eles pertencem a uma espécie de “tribo”, ao ponto de terem sua linguagem própria.

Uma das preocupações surge é quando todas essas tecnologias passam a influenciar algumas das atitudes desses alunos. Acreditamos que esse público, ao utilizar cada vez mais a internet para se comunicar, vai ficando habituado a esse discurso curto, abreviado.

De acordo com Berlanga (2010:47), o discurso oral se vê enriquecido com a linguagem icônica e audiovisual, privilegiados na cultura de hoje. Para Morduchowicz (2008: 22) a cultura é o espaço em que as crianças e jovens traçam sua relação com o mundo.

Ainda Morduchowicz (2008: 25) traz que os jovens, cujas identidades traçam na interseção do texto escrito, a imagem eletrônica e a cultura popular vivem uma

experiência cultural diferente, que inclui novas maneiras de perceber, de sentir, de escutar e de ver.

Então observamos Wolton (2000: 137) abordando que a internet pode ser útil, mas é necessário desenvolver também, o rádio e a televisão, favorecer a imprensa escrita, respeitar as tradições orais, todos os outros suportes da comunicação. A tecnologia somente é uma ponta visível de um iceberg da comunicação. Está sempre vinculada a modelos e esquemas culturais. Igual para os indivíduos: alguns gostam da cultura tecnológica da internet, outros são resistentes, fato que não tem nada a ver com a inteligência.

Morduchowicz (2008: 15) aborda que tradicionalmente a palavra foi a base da cultura, desde o surgimento do cinema começou a impor-se a linguagem da imagem. Esta imposição coincidiu para muitos, com uma degradação cultural.

A linguagem da imagem deu início com a televisão, o cinema, o telefone celular, e finalmente acelerou-se com a internet que trouxe a virtualização. Mas porque degradação cultural? Talvez pela forte influência, principalmente nos jovens?

Refletindo sobre estas colocações é que nos leva a investigar o porquê destes signos influenciados pelo virtual se a tecnologia é apenas um aspecto de comunicação?

Usando os corpus, com base nas entrevistas que recorremos as teorias semióticas contemporâneas que buscam analisar as diversas manifestações possíveis de significação para as novas formas de escrever, as abreviações da língua portuguesa.

Segundo Portela (2008:79) a semiótica discursiva e narrativa se tem ocupado não só das manifestações do sentido por uma única linguagem, mas também daquelas em que isso é feito por meio de diferentes linguagens.

Fazendo referência a citação acima, é que recorremos aos autores semióticos, visto que, é por meio destes que podemos interpretar as diversas modalidades, formas de escrita que dispomos pelo uso do virtual/digital.

Inserimos (Pettit 2009:183) que diz que estas novas estas novas exigências tecnológicas e informáticas repercutem de maneira neurálgica na “instituição educação” entanto que ordem reprodutora do social. A educação falha nestas condições um novo

imperativo: deve incluir socialmente por meio das tecnologias informáticas, à vez que deve abranger a produção de sujeitos capazes de sustentar esta nova ordem tecnológica do mundo e garantir o progresso das sociedades; progresso assimilado sempre à ideia de desenvolver por meios das tecnologias da informação e comunicação.

Pettit traz uma abordagem sobre a socialização dos meios e tecnologias de informação, inserindo a educação em suas colocações.

Walton (2007) é autor que trata da comunicação em todos os sentidos, tv, rádio, jornal até as novas tecnologias.

Walton (2007: 45) quando reconheceremos que quanto mais telefones, computadores, televisores, meios interativos, redes...há, o mais importante é saber que fariam as sociedades com essas técnicas e não, como se escuta por enquanto, saber que sociedade será criada por ela? Em uma palavra, quando reconheceremos que o problema é socializar as técnicas e não tecnificar a sociedade?

Os autores semióticos nos ajudam a refletir, investigar, nos levam a perceber de diferentes ângulos o sentido da interpretação da comunicação.

1.4. Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa foi desenvolvida na única Escola Estadual de Ensino Médio do município de Pirapó RS, que é a Escola Henrique Sommer situada na cidade. Inicialmente, numa aula de língua portuguesa (dois períodos de cinquenta minutos) com alunos de segunda série do Ensino Médio no ano de dois mil e nove numa turma de vinte e seis alunos. Houve uma conversa com os alunos sobre produção textual, bem como as diversas modalidades textuais que a língua portuguesa estuda como notícias, contos, crônicas, fábulas, narração, bilhete, descrição...Foi falado ainda sobre características textuais de cada modalidade de texto. Também houve conversa sobre as abreviações que aparecem nos textos.

Após o diálogo com os alunos foi pedido que escrevessem um texto de acordo com sua escolha que são os textos do anexo um ao anexo quinze (produções do ano de dois mil e nove, conforme a introdução). Não foi dito a eles se poderiam ou não usar

abreviações, bem como não foi dito que os textos seriam para uma dissertação, mas para um trabalho de nível acadêmico de língua portuguesa. Não foi explicado com detalhes como seriam utilizados os textos.

Os textos do anexo dezesseis ao anexo dezenove (produções do ano de dois mil e doze, conforme introdução) foram solicitados pela professora de língua portuguesa de uma turma de alunos do Ensino Médio da mesma escola. A professora deu aulas sobre produções textuais, pediu os textos e recolheu-os. Foi conversado com a professora que quando trabalhasse produções textuais repassasse alguns textos para análise, mas sem dizer aos alunos, apenas pedir os textos para guardar como se fossem para ela.

Com os textos em mãos, foram retiradas todas as abreviações de cada um e organizados em anexos, por exemplo, o Anexo 1, Texto A....Mesmo que as abreviações foram repetidas, foram assim retiradas. Ao lado de cada abreviatura está a forma correta de escrever a palavra.

A partir das abreviações se deu início a análise que consiste em ver quais predominam, as várias abreviaturas usadas para a mesma palavra, como a língua culta pode ser influenciada pelas abreviações, o que leva a usá-las, a relação com os recursos tecnológicos, como os professores veem a situação e demais aspectos pertinentes, sempre considerando a bibliografia semiótica.

São vinte e sete textos que estão digitalizados e organizados em dezenove anexos e que farão parte dos anexos da tese, pois estão escaneados.

Além dos textos houve a pesquisa quantitativa e qualitativa foi realizada através de uma coleta de dados onde utilizamos questionários escritos, com alternativas de respostas. Algumas vezes oferecemos a alternativa “se possível, justifique sua resposta” e a alternativa “outros” quando apresentávamos alternativas de respostas. Os questionários a que nos referimos foram para alunos e educadores do Ensino Médio na Escola Estadual Henrique Sommer da cidade de Pirapó- RS.

As coletas estudadas foram buscadas em alunos e professores da única escola pública do Ensino Médio do município de Pirapó que está situada na cidade de Pirapó. Os estudantes, quando pesquisados, estavam na faixa etária de 14 a mais de 16 anos, da

2º série do Ensino Médio da Educação Básica. Os professores entrevistados foram de diferentes disciplinas que trabalham com o Ensino Médio de diferentes idades.

Assim, procuramos responder questionamentos como: que mudanças podem ser constatadas na escrita dos estudantes ao fazerem uso da escrita a partir de gêneros do ciberespaço onde a escrita se apresenta com recursos próprios, sem compromisso com a escrita convencional? Os alunos estão empregando as abreviações do virtual nas atividades de sala de aula?

Essa modalidade de escrita digital (abreviada) tem interferido na escrita tradicional dos alunos? O que podemos verificar na escrita a partir das tecnologias de comunicação? Como os educadores e estudantes estão reagindo perante a escrita abreviada?

Optamos pesquisar estudantes do Ensino Médio, considerando que estes alunos fazem uso do virtual e devem ter conhecimento das normas da língua culta que deve ser usada em sala de aula e demais ambientes assim que exigir. Foram pesquisados 26 alunos da segunda série do Ensino Médio, mas na data quando solicitada as produções textuais estavam presentes 23 alunos.

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica. Pensamos que os educandos já devem saber o básico da língua portuguesa empregando-a corretamente conforme necessário.

As perguntas dos alunos estão divididas em três partes sendo que cada uma tem perguntas com alternativas para marcar. Ainda, dispomos de alternativas para marcar “outros” e a alternativa “se possível, justifique a resposta”.

As perguntas dos educadores são divididas em três partes. Cada uma traz um grupo de questões com alternativas para marcar. Em alguns casos o entrevistado poderia escolher a alternativa de marcar “outros” e a opção “se possível, justifique a resposta”.

As pessoas que participaram destas entrevistas, tanto alunos quanto professores (houve o caso de um professor que colocou o nome, mas foi riscado por questões de ética) não se identificaram ao responder as perguntas, pois somos de uma cidade pequena onde todos se conhecem e foi usado este procedimento para evitar problemas.

CAPÍTULO II

AS ABREVIACÕES NA LÍNGUA PORTUGUESA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Este capítulo apresenta dois tópicos. No primeiro (2.1) abordamos a análise de práticas de escritas observadas em textos escolares. No segundo tópico, (2.2) apresentamos a análise das entrevistas.

2.1. Análises das abreviações dos alunos na linguagem formal na sala de aula

As normas textuais oferecidas a estes alunos não permitem que ocorram abreviações, mesmo assim são usadas constantemente. Então, foi dada atenção maior ao ocorrido e isso trouxe curiosidade fazendo com que o assunto fosse investigado.

Ao analisar as produções realizadas em sala de aula por estes alunos encontramos corpus abreviado que foram retirados dos textos que estão nos anexos do número 1 ao 19.

Anexo 1

Texto A

Vc (você), p (para), ã (não), bjs (beijos);

Texto B

Crta (certa), kminhando (caminhando), axei (achei), D (um amigo), p (para), i(ir), cevas (cervejas), b (bar), q (que), ã (não), i (ir), por q (por que), citi (cidade).

Anexo 2

Texto A

Oie (oi), novi (novidade), q (que), ksa (casa), p (para), ksa (casa), nº (número), cel (celular), ã (não), cmg (comigo), p (para), pq (porque), vc (você), xau (tchau), + (mais).

Anexo 3

Texto A

Hj (hoje), p (para), krro (carro), bat (bateu), krro(carro), pr (por).

Anexo 4

Texto A

Bv (bicha, veado), vc (você), pv (para, você), br (bicha resolvida), br (bicha resolvida), vp (veado, puto).

Texto B

Vc (você), ã (não), p (para), vc (você), p (para), vc (você), bv (bicha, veado), vc (você), br (bicha resolvida).

Texto C

Vc (você), p (para), ã (não).

Anexo 5

Texto A

Ksa (casa), d (de) t (ter) p (para), i (ir), p(para), ksa (casa), d (do), q(quando), cv(convidou), p (para), p (para), p (para).

Texto B

P (para), ksa (casa), p (para), vc (você), p (para), pq (por que), ã (não), vc (você), bjs (beijos).

Anexo 6

Texto A

Vc (você), mat (matérias), vc (você), vc (você), fz (fazer), vc (você), cd (cada), p (para), vc (você), mt (muitas), pc (poucas), pd (pra dizer), mt (muitas).

Texto B

Bb(beber), pc (pouco), jg (jogar), s (só), q (que), ã(não), xama(chama), loco(louco), pq (por que), s(sem) noç (noção).

Anexo 7

Texto A

Ñ (não), q (que), p (para), p (para), p (para), ã (não), p (para), q (que), q (que), ã (não), r (respostas), p (para), tb (também), ã (não), fchr (fechar), p (para), ftr (futuro), nnc (nunca), q (que), vc (você), ã (não), vc (você), pod (pode), mnd (mundo), alg (alguém), bjs (beijos).

Anexo 8

Texto A

Q (que), novi (novidade), p (para), q (que), q (que), vc (você), ã (não), aq (aqui), aq (aqui),q(que), tbn(também), ksa (casa), bjus (beijos), t (te), d + (demais).

Anexo 9

Texto A

Td (tudo), Td (tudo), td (tudo), msm (mesmo), q (que), sb (sabe), aqle (aquele), q (que), mta (muita), q (que), q (que), vc (você), ã (não), amgs (amigos),ctg (contigo), aqle (aquele), gtnho (gatinho), q (que), q (que), novi (novidade), axo (acho), q (que), q (que), td (tudo), qro (quero), td (tudo), t (te).

Anexo 10

Texto A

Vc (você), ksa (casa), niver (aniversário), tb (também), novi (novidade), qud (quando), p (para), pq (por que), ã (não), p (para), bjus (beijos).

Texto B

P (para), vc (você), ã (não), vc (você), bjs (beijos).

Anexo 11

Texto A

Q (que), vc (você), ksa (casa), p (para), p (para), vc (você), ksa (casa), tb (também), bj (beijo).

Texto B

P (para), vc (você), p (para), ksa (casa),bjus (beijos).

Anexo 12

Texto A

Aew (aí), meq tah (como é que está), bl (beleza), aew (aí), cm (como), td (tudo), ctg (contigo), tranzlo (tranquilaço), tbem (também),novi (novidade), q (que), d (de), nv (novidade), nd (nada), aew (aí), nds (nadas), tbem (também), nus (nossa), vc (você), nunk (nunca), tm (tem), novis (novidades), city (cidade), pqna (pequena), aew (aí), naun (não dá), dv (deve), c (ser), vc (você), facul (faculdade), blz (beleza), xau (tchau), bjo (beijo).

Anexo 13

Texto A

T (te), p (para), pq (por que), ã (não), d (dá), pq (por que),q(que).

Texto B

Pq (por que), ã (não), + (mais), + (mais), - (menos).

Anexo 14

Texto A

Vc (você), city (cidade).

Anexo 15

Texto A

P (para), vc (você), vc (você), ã (não), p (para), p (para), ã (não), cd (cada), nc (nunca) p (para).

Anexo 16

Texto A

Axo (acho), q (quero), estudant (estudante), c (com), vzes (vezes), ã (não), quase (quase), q + (que mais), tdos (todos), ã (não), mt (muito), q (que), = (igual), ≠ (diferente), dle (dele), p (para), d (de), ã (não), axo (acho), q (que), p (para), msmo (mesmo).

Anexo 17

Texto A

Dv (deve), princip (príncipe), lgl (legal), intlgent (inteligente), ã (não), d (de), q (que), arrisque (arrisque), p (para), m (me), ã (não), q (que), fiq (fique), p (para), indfesos (indefesos), qero (quero), namo (namorado), princip (príncipe), d (da), q (que), q (que), m (me), ond (onde), ã (não), q (quero), m (me), fique (fique), cmg (comigo), fikar (ficar), dv (deve), qe (que), bm (bem), q (que), ã (não), q (que), d (de), td (tudo), p (para), q(que), psoa (pessoa), dv (deve), p (para), d (de), p (para), cmg (comigo),q (que), ã (não) ã (não).

Anexo 18

Texto A

Q(que), p (para), cd (cada), agr (agora), pq (porque), mto (muito), tpo (tempo), cm (como), qdo (quando), d + (demais), td (tudo), ms (mas), vc (você), ã (não), ã(não),

q (que),vc (você), vc (você), q (que), vc (você), d (de), d(de), d (de), d (de), q (que), c (com).

Anexo 19

Texto A

Amr (amor), kem (quem), entennd (entende),amr (amor), pág (página), + (mais), tdu (tudo), tdu(tudo), acontec (acontece), d (de), grand (grand), amr (amor), ngm (ninguém), esquece (esquece), amr (amor), = (igual), ã (não), tm (tem), ã (não), vend (vende), ã (não), amr (amor), ã (não), vend (vende), se (ser), ã (não), ã (não), conkista (conquista), pra (para), q (que), amr (amor), p (para), cm (com), d (de), d (de), d (de), d (de), cumplicidade (cumplicidade), td (tudo), amr (amor), invad (invade),simplesmen (simplesmente), se (ser), ã (não), tmpo (tempo), q (que), intensidade (intensidade), q (que), cmo (como), amr (amor), qm (quem), ã (não), ã (não), pq (porque), tm (tem), qdo (quando), algm (alguém), p (para), fzer (fazer), amr (amor), gnde (grande), amr (amor), mto (muito).

Usando as abreviações acima que foram retiradas dos textos no decorrer dessa investigação pretendemos fazer a análise com o objetivo de constatar as características dessas, como ocorre essa escrita que é usada acontece na internet nos computadores e celulares.

Quando observamos as escritas dos alunos, constatamos que há liberdade para escrever, para criar na maneira de construir as palavras, as frases. Existe também muita pressa. As palavras são resumidas. Temos a mesma palavra escrita de mais de uma forma. É uma característica de pressa?

Observe:

Bjs (beijos) Anexo 7 Texto A

Bjus (beijos) Anexo 8 Texto A

Tb (também) Anexo 7 Texto A

Tbm(também) Anexo 8 Texto A

C (com) Anexo 16 Texto A

Mt (muito) Anexo 16 Texto A

De acordo com Silva (2009: 24), as abreviaturas, por sua vez, podem ser compreendidas como formas de escrita em que faltam algumas letras. Essa omissão de caracteres, sobretudo de vogais, serve principalmente para ganhar mais rapidez enquanto se escreve.

Aparentemente, não há preocupação com regras, o que importa é escrever, enviar a mensagem, se comunicar. Para a escrita formal apenas escrever é problema, pois é preciso estar escrito de forma correta e apropriada ao contexto correspondente. Constatamos omissão de caracteres, sobretudo as vogais. Como encarar esta situação ao sermos professores e temos que ensinar, fazer com que aconteça o aprendizado, a formação do conhecimento. Que conhecimento é este quando nossos alunos não correspondem nossas expectativas intelectuais?

Então, colocamos Walton (2007:28) quando diz que as facilidades da comunicação não bastam para melhorar o conteúdo da troca.

Trocamos conhecimento com nossos educandos, mas está clara a colocação de Walton, não há melhora nesta troca, pois não conseguimos passar aos alunos a forma correta de escrever. O que esta troca nos acrescenta? O que acrescenta aos alunos?

Ainda, Walton (2007:29) acrescenta que a comunicação que deveria aproximar os homens, se trona em realidade a que revela ou que os aliena.

Se não atingirmos o objetivo de fazer com que os alunos entendam que a comunicação deve aproximar, devemos ter uma linguagem padrão que possamos todos

fazer uso, estamos nos alienando. Sendo assim, qual o objetivo da escola, do ensino da língua portuguesa?

Continuando com Walton (2007:28) na comunicação pode haver denominação, mas não alienação. Considerando esta colocação, como está o ensino de língua portuguesa, das normas cultas, se há certa alienação por parte dos alunos que criam sua própria linguagem usando as abreviaturas entre colegas e demais adolescentes?

A maneira como os alunos escrevem abreviados interfere, compromete a escrita padrão, a linguagem culta da língua portuguesa?

Temos palavras que foram bem reduzidas com as abreviações como:

Vc (você) Anexo 1 Texto

P (para) Anexo 1 Texto A

Ñ (não) Anexo 1 Texto A

Bjs (beijos) Anexo 1 Texto A

Mt (muito) Anexo 16 Texto A

Palavras abreviadas assim aceleram a escrita, demonstram rapidez. Como fica a linguagem formal nesta situação? Será que somente escrever acrescenta aprendizagem?

Esta rapidez ocorre por que estamos inseridos numa sociedade do imediatismo, tudo deve ser o mais rápido possível, essa característica está presente inclusive nas formas de nos expressarmos.

Há outras que foram poucas reduzidas:

Crta (certa) Anexo 1 Texto B

Kminhando (caminhando) Anexo 1 Texto B

Msmo (mesmo) Anexo 16 Texto A

Dle (dele) Anexo 16 Texto A

Estudant (estudante) Anexo 16 Texto A

Acontec (acontece) Anexo 19 Texto A

Amr (amor) Anexo 19 Texto A

Grand (grande) Anexo 19 Texto A

Se colocadas apenas a letra e na palavra certa, ca na palavra caminhando e na palavra mesmo, e na palavra dele, e na palavra estudante, a vogal e na palavra acontece, a letra o na palavra amor e a letra e na palavra grande teríamos escritas corretas. Essas palavras nos colocam em dúvida, houve pressa ou é hábito e até desconhecimento das regras ortográficas?

Merece atenção a palavra axei (achei) Anexo A Texto B

Observe: ksa (casa) Anexo 2 Texto A

Xama (chama – do verbo chamar) Anexo 6 Texto B

Axo (acho) Anexo 16 Texto A

Kem (quem) Anexo 19 Texto A

As palavras axei, ksa, xama, axo e kem foram escritas conforme a oralidade, o som. Será que realmente são abreviações ou falta de conhecimento da língua culta?

Onde fica o estudo dos fonemas e das letras? Como podemos avaliar o nível de formação, de conhecimento perante estas abreviações?

Observamos constantemente a omissão das vogais como:

Vc (você) Anexo 1 Texto A

Crta (certa) Anexo 1 Texto B

D (de) Anexo 1 Texto B

Cmg (comigo) Anexo 2 Texto A

Vc (você) Anexo 2 Texto A

O hábito de omitir as vogais na linguagem abreviada é uma das características fortes dessa forma de escrever, pois é possível perceber que está presente em todos os anexos.

Hj (hoje) Anexo 3 Texto A

Vc (você) Anexo 4 Texto A

Bjs (beijos) Anexo 5 Texto A

Cd (cada) Anexo 6 Texto A

S (só) Anexo 6 Texto B

Mnd (mundo) Anexo 7 Texto A

Q (que) Anexo 8 Texto A

Td (tudo) Anexo 9 Texto A

Q (que) Anexo 9 Texto A

Sb (sabe) Anexo 9 Texto A

Ñ (não) Anexo 10 Texto A

Vc (você) Anexo 11 Texto B

Cm (como) Anexo 12 Texto A

Td (tudo) Anexo 12 Texto A

Q (que) Anexo 13 Texto A

Ñ (não) Anexo 13 Texto B

Vc (você) Anexo 14 Texto A

Cd (cada) Anexo 15 Texto A

Encontramos também palavras que trazem a oralidade, são escritas como falamos:

Cevas (cervejas) Anexo 1 Texto B

Citi (cidade) Anexo 1 Texto B

Novi (novidades) Anexo 2 Texto A

Loco (louco) Anexo 6 Texto B

Pod (pode) Anexo 7 Texto A

Novi (novidades) Anexo 7 Texto A

Niver (aniversário) Anexo 10 Texto A

Novi (novidade) Anexo 10 Texto A

Novi (novidade) Anexo 12 Texto A

Novis (novidades) Anexo 12 Texto A

Essas são palavras que na linguagem oral são faladas, mas na linguagem escrita não são consideradas corretas.

A palavra City no Anexo 12 no Texto A está escrita em inglês. Mesmo estando em outro idioma ela traz menos letras que o português, que seria cidade.

Temos também palavras que nos chamam atenção por estar escritas de forma incorretas, segundo as normas gramaticais, como exemplo:

Maça (para maçã) Anexo 16 Texto A

Gentie (para gentil) Anexo 17 Texto A

Responsavel (para responsável) Anexo 17 Texto A

Atráz (para atrás) Anexo 17 Texto A

Ninguem (para ninguém) Anexo 17 Texto A

Tiver (para estiver) Anexo 17 Texto A

Temos que refletir se essas mudanças na escrita, às abreviações elas apenas mudam a forma de escrever palavras diminuindo vogais, criando novas formas ou estão levando ao desconhecimento das normas corretas da língua portuguesa. Como fica o estudo da acentuação, para as palavras maçã, responsável e ninguém. O emprego do i e

do l nas palavras, nesse caso gentil. A diferença de usar traz/atrás. E o uso dos verbos no caso da palavra estiver.

A preposição de é alvo das abreviações. Fica apenas d como podemos observar no Anexo 19 Texto A.

Essa modalidade de escrita apresenta marcas do discurso oral, sinais de pressa, que facilita a digitação. À medida que omitem vogais, apresentam excesso de pontuação, troca de letras, substituição de acentos por letras, uso de estrangeirismos e outras características que vão surgindo a cada dia, com regras e códigos próprios e criativos. Muitos educadores temem que tais práticas possam resultar em vícios e comprometimento no aprendizado e nas práticas convencionais da escrita. Faz-se necessário avaliar as implicações.

As observações colocadas acima nos levam a pensar, a fazer questionamentos em relação ao uso dessas formas de escrever e suas consequências para a aprendizagem da língua portuguesa padrão. Estamos frente a um grande desafio para nós, os educadores, principalmente aqueles que trabalham diretamente com a língua portuguesa padrão? De que forma ensinar aos alunos que essas abreviações não fazem parte da língua padrão? Como tirar esse hábito que toma conta das nossas salas de aulas?

Emprego diferente da mesma palavra n (não) Anexo 10 Texto B e naun (não) Anexo 12 Texto A é também fator a ser considerado. Por que em um mesmo texto essa diferença? Seria o desprendimento de padrões, ou seja, seria a liberdade que foi criada pelo uso das tecnologias de informação e comunicação?

Estas novas formas de comunicar não respeitam regras de ortografia, o que cria essa nova linguagem paralela. Não usam acentuação e pontuação. Mas como ser diferente se Bajtín (2006: 170) coloca que a linguagem participa na vida através dos enunciados concretos que o realizam?

Esse discurso das novas mídias caracteriza-se por frases curtas e abreviações, sendo que a utilização frequente dessa linguagem pode interferir nas produções

realizadas pelos adolescentes na sala de aula. Percebemos assim que não há como fugir disso, mas temos que conviver com esses recursos.

Perante tantas formas criativas de abreviar, nos interrogamos sobre até que ponto a influência de todos esses recursos é saudável e não surge como um empecilho no processo de alfabetização. Nossos alunos adolescentes abreviam, parece que inconscientemente na sala de aula como se estivessem usando os meios eletrônicos. Por que isso? Porque possuem mais facilidade, são mais receptivos aos recursos contemporâneos, são mais inteligentes?

Tomando como realidade a cidade de Pirapó, acreditamos que o acesso ao telefone celular com internet com valor diário favorável estimula as abreviações nas mensagens e msn. O mercado eletrônico oferece aparelhos sofisticados que excitam os alunos a usá-los cada vez mais.

Esse uso constante provoca o surgimento de palavras como:

Méq tah (como é que tá) Anexo 12 Texto A

Tranzlo (tranquilaço) Anexo 12 Texto A

São palavras totalmente fora das regras e ainda, diferentes, mas que entre os jovens, eles se entendem. Além das palavras aparece o uso dos símbolos como:

+ (mais) Anexo 13 Texto B

- (menos) Anexo 13 Texto B

= (igual) Anexo 16 Texto A

≠ (diferente) Anexo 16 Texto A

Para Steven Johnson (2001:105) o uso de um processador de texto muda nossa maneira de escrever, não só porque estamos nos valendo de novas ferramentas, mas também porque o computador transforma fundamentalmente o modo como concebemos as frases e o pensamento que se desenrola paralelamente ao processo de escrever.

E isso pode ser percebido nos espaços escolares, através do comportamento, do discurso e da produção de texto dos estudantes que apresentam formas diferentes de se

organizar, relacionar, escrever, falar e interagir entre eles e com outras pessoas. Considere o exemplo:

Agr (agora) Anexo 18 Texto A

Tpo (tempo) Anexo 18 Texto A

Assim como estas há tantas outras palavras que os alunos abreviam, criam quando estão frente aos meios eletrônicos.

Segundo Pierce, em García (2004: 27), seguindo Peirce a investigação não pode começar enquanto não se tem apresentado um estado de dúvida real, e cessa tão logo como se tem alcançado a acreditar.

Usando a colocação do parágrafo que antecede, há uma dúvida real, um problema presente nesta investigação que é a questão das abreviações pelos adolescentes em salas de aulas na linguagem formal.

Há certas preposições que geralmente aparecem abreviadas. Olhe:

P (para) Anexo 1 Texto A

D (de) Anexo 1 Texto B

P (para) Anexo 2 Texto A

P (para) Anexo 3 Texto A

P (para) Anexo 5 Texto A

Para Pettit (2009: 25) na sociedade atual a naturalização dos objetos tecnológicos por parte dos meninos e jovens encontra mais sua origem numa sustentada oferta de consumo lúdico e social que em políticas educativas e laborais que dão sentido à incorporação dessas tecnologias.

Por que a tecnologia da internet, da informática, mudou a maneira de escrever se as outras inovações tecnológicas anteriores não mudaram? Será que esta nova cultura tecnológica tem a ver com a inteligência? Ela domina com mais facilidade? É mais prática? Fácil?

Segundo Morduchowicz (2008: 15) algo fica claro: os meios de comunicação tem se naturalizado na vida dos jovens e formam parte de seu entorno cotidiano.

Na concepção de Berlanga (2010: 48) a era digital e a implantação generalizada das novas tecnologias entre as sociedades avançadas tem produzido trocas vertiginosas no modo de relacionar-se e comunicar-se dos usuários.

Cabe então refletir como estão ocorrendo estas trocas vertiginosas? Que contribuições trazem aos nossos alunos que usam essas práticas na escrita?

De acordo com Lévy (1996: 29), os sistemas da realidade virtual transmitem mais que imagens: uma quase presença. Nesse meio estão os alunos. Assim como conversam, expressam emoções, se enxergam por meio do webcam.

A maioria das características do pensamento e da expressão fundadas no oral é relacionada com a interiorização do som. As palavras pronunciadas são ouvidas e internalizadas. Com a escrita, precisa-se de outro sentido: a visão.

As palavras não são mais ouvidas, mas vistas; entretanto, o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais; o som se reduz ao registro escrito.

Observe os exemplos:

Cel (celular) Anexo 2 Texto A

Krro (carro) Anexo 3 Texto A

Mt (muito) Anexo 6 Texto A

Constata-se que as palavras são transformadas em símbolos, e por meio deles os jovens se comunicam. Estas abreviações são comuns nos textos, como pode ser percebido nas abreviações usadas para análise.

As frases escritas com abreviaturas não apresentam mais a maneira formal da escrita e, sim, um novo símbolo e, agora, a visão não é mais suficiente no momento de interpretá-lo e inseri-lo em suas produções textuais.

Considerando que no ambiente virtual a compreensão ocorre principalmente por meio da fonética, é preciso refletir sobre a extensão dessa alternativa de percepção, para poder avaliar e analisar sua influência sobre a produção textual.

A escrita faz parte do nosso dia-a-dia. De acordo com Olson (1995: 333-334), a cultura escrita era vista como o caminho da modernidade. A cultura escrita historicamente havia transformado a mente e a sociedade, e o ponto de vista mais particular de que a aquisição da escritura era um fator fundamental do desenvolvimento intelectual, linguístico e social.

Então, estamos no caminho da modernidade, segundo Olson, pois temos uma cultura escrita diferente, contemporânea? Atingimos o desenvolvimento intelectual, linguístico e social? De que forma isso ocorreu? É através do virtual?

Para Berlanga (2010: 50) na atualidade, internet e suas diferentes aplicações estão modificando práticas tão antigas como a escrita e a leitura, necessárias para preservar e manter viva a cultura e a sociedade, de um modo similar como, em seu momento, aconteceu com a aparição do alfabeto e do papiro, e mais tarde, com a imprensa e o papel.

A escrita continua a se manifestar. Ela se manifesta por meio de uma carta, uma notícia lida em revista ou jornal, no bilhete. Ainda pode através de um e-mail que recebemos ou enviamos. Por isso ela tornou-se cada vez mais importante e prioritária para nossa existência, já que agora também nos comunicamos através da escrita, ainda que de maneira diferente daquela feita através das cartas.

A evolução da escrita trouxe consigo seus benefícios, mas também algumas preocupações, principalmente em se tratando da formação de alunos, pois esse público está em fase de amadurecimento pessoal, construindo valores que farão parte da sua personalidade, e as influências ao seu redor muito contribuem, de forma positiva ou negativa, nessa formação.

Saindo do início da era da escrita e nos transportando até o século XXI, deparamo-nos com uma realidade aparentemente diferente. Estamos vivendo uma grande revolução tecnológica, que acaba exercendo grande influência em nosso comportamento.

Pettit (2009: 26) as novas gerações são consumidores intensivos de tecnologias de comunicação.

A proliferação da Internet no mundo tem mudado - e muito - os costumes da população, inclusive as formas e recursos utilizados para nos comunicarmos. Lévy (1996: 41) nos diz que o computador é, portanto, antes de tudo um operador de potencialização da informação.

Ao observar mudanças colocamos como exemplo as abreviações a seguir:

Bb (beber) Anexo 6 Texto B

Jg (jogar) Anexo 6 Texto B

Ftr (futuro) Anexo 7 Texto A

Estes são alguns dos recursos que a proliferação da internet utiliza como recurso de comunicação, também podemos dizer que são estes recursos que nossos alunos querem utilizar e utilizam na sala de aula.

Segundo Wolton (2000: 77), existe um interesse econômico em oferecer a maior quantidade de produtos ao maior número de pessoas – a sociedade de consumo e o marketing das massas.

Atualmente, as formas de ler e escrever já não são mais as mesmas. Podemos resumi-las na realidade real da conversação cotidiana e na realidade virtual da conversação internauta.

Diante dessa realidade, é necessário atentarmos não só para as ferramentas tecnológicas que surgem a cada instante, mas também para as influências que as mesmas têm apresentado com seu surgimento.

Prova da influencia encontramos nos textos dos alunos. Veja:

Nnc (nunca) Anexo 7 Texto A

Mnd (mundo) Anexo 7 Texto A

Algm (alguém) Anexo 7 Texto A

Palavras escritas em forma de símbolos, códigos são uma das influências das novas ferramentas tecnológicas, Temos também o nível de conhecimento dos alunos que não correspondem a ano/série em que se encontram, pois a produção escrita está codificada.

Assim temos também a questão relacionada ao analfabetismo, principalmente em um país como o Brasil, deve ser considerada quando falamos no uso de tecnologias. Segundo Mozejko (2002: 22), escrever de maneira correta e elegante é uma prática que supõe que no sujeito social, uma propriedade, o controle de um recurso é um saber específico.

Faz-se necessário decifrar se o analfabetismo no Brasil tem relação com a tecnologia da comunicação ou se há uma falta de controle no saber específico da língua portuguesa, como vimos sob o ponto de vista da autora citada no parágrafo acima.

Pettit (2009: 26) diz que é no campo da educação onde emerge a necessidade de melhorar as possibilidades de acesso ao uso das ferramentas informáticas e tentar salvar os espaços simbólico-culturais que impactam nas desigualdades tanto no acesso como nos modos de apropriação por parte dos sujeitos.

Com isso, pensamos que, a comunicação através dos ambientes virtuais pode ser uma vilã para um aumento do analfabetismo, já que nos diálogos utilizados nos ambientes virtuais, deparamo-nos com uma realidade até pouco tempo desconhecida.

A realidade atual é a impressão de um novo alfabeto, uma nova forma de escrever quando observamos as abreviações que há poucos anos não fazia parte do contexto escolar. Hoje, infelizmente não há como fugir e então é preciso decifrar as causas e consequências de tantas abreviaturas.

Exemplo:

Aqle (aquele) Anexo 9 Texto A

Qud (quando) Anexo 10 Texto A

O que a educação tem feito para salvar os espaços simbólico-culturais das desigualdades? Será que permitir as abreviações não é deixar a desigualdade acontecer?

Berlanga (2010: 51) mostra que faz uns anos que inquieta em maior medida a valorização, positiva ou negativa, da influencia da internet na formação cultural dos jovens e, especialmente, no uso que fazem da linguagem... Os apocalípticos denunciam que tecnologias como o “chat,” o “msn” ou o “messenger” fomentam o uso da linguagem a primeira vista incorreta ortograficamente e de grande pobreza de vocabulário.

Considerando a colocação de Berlanga, podemos retirar exemplos que comprovam isso, pois parece que são sempre as mesmas palavras que aparecem.

Exemplo:

Vc (você) Anexo 1 Texto A, Anexo 2 Texto A, Anexo 4 Texto, Anexo 5, Texto A, Anexo 6 Texto A, Anexo 7 Texto A, Anexo 10 Texto A, Anexo 12 Texto A

Assim temos muitas outras palavras. Ao observar a pobreza no vocabulário, há também excesso de repetição de palavras. Faltam coerência e coesão na escrita, nas palavras utilizadas. Há muita repetição desnecessária de abreviações.

Será que não está a situação que estão os educandos? Será que não há essa pobreza vocabular? Talvez seja este o motivo que os alunos têm dificuldade de usar a língua formal culta nos textos em sala de aula? Há muito que refletir sobre isso.

Com Pettit (2009: 27), recuperando as reflexões de Martín Barbero, podemos afirmar que a educação enfrenta um duplo desafio: por um lado, acentuar o processo de distribuição cultural através das destrezas básicas de leituras e escrita e, ao mesmo tempo, imaginar uma nova pedagogia que se faça a cargo da inovação tecnológica.

Sabemos que na educação as mudanças são lentas. Em compensação a evolução tecnológica é rápida. Estamos diante de um grande desafio que urge respostas imediatas.

Hoje o uso da internet nos celulares acelerou as mudanças tecnológicas e as educacionais não acompanham. Os alunos em estudo dispõem de internet nos celulares

por preço ilusório. Fator este que nos desafia em relação ao uso correto da língua portuguesa.

Na concepção de Wolton (2000: 21), a comunicação, que ontem prometia a aproximação entre as culturas, pode ser amanhã um fator de conflitos, posto que quanto mais rápida se desenvolva as tecnologias, antes percebemos todo o que nos separa.

Os conflitos citados por Wolton já não se fazem presentes com a questão das abreviações? Podemos pensar que a comunicação evolui tão rápido que agora não sabemos como agir diante disso? Ainda é possível controlar?

Pettit (2009: 27) o maior desafio consiste hoje em compreender o impacto social e o potencial educativo que adquirem as tecnologias da informação e comunicação e desenvolvem os projetos necessários para promovê-los e, à vez, apropriar-se destas criticamente.

Como nossos alunos poderão apropriar-se das abreviações criticamente se não conseguem entender que nos textos formais da sala de aula a linguagem abreviada é imprópria? Como estão as questões culturais dos jovens?

De que forma levar a compreensão dos jovens de que a linguagem abreviada é usada nos meios virtuais e que na sala de aula deve seguir as normas gramaticais brasileiras?

Para Martín Barbero (2004: 1) a comunicação no campo da cultura deixa de ser então um movimento exterior aos processos culturais para converter-se num movimento entre culturas: movimento de exposição e abertura de umas culturas às outras, que implicará sempre a transformação/recriação da própria.

As frases breves e expressivas, palavras abreviadas ou alteradas para que sejam escritas rapidamente, pois na internet não podemos nos demorar estão presentes fora dos meios tecnológicos, são presentes nos cadernos de nossos alunos. Como conviver com isso? Estão certos, errados? Depende do ponto de vista de cada um? Como encarar essa realidade, como administrar esse fenômeno em sala de aula?

Exemplos:

Ele falo q ñ podia i por q a mãe dele estava na citi Anexo 1 Texto B

Xau até +...Anexo 2 Texto A

Vc podia ir p/ posar, pq ñ tem como voltar Anexo 5 Texto B

Nnc pense q vc ñ é ninguém pois vc pod ser o Mnd d algm Anexo 7 Texto A

Assim são as frases que nossos alunos de Ensino Médio usam. Não há preocupação com acentos, concordância, regência, pontuação. Total uso das palavras.

Diante de situações como estas temos que refletir como alunos assim poderão enfrentar vestibular, concurso enfim, como poderão integrar a sociedade para qualificação profissional e relação social fora dos meios virtuais.

Na concepção de Berlanga (2010: 54) na hora de julgar o potencial comunicativo de um meio digital não podemos obviar o papel – às vezes mais secundário – do texto escrito. E aqui no contexto da cultura atual, mais atenta a linguagem icônica e gestual, voltamos a sublinhar o valor da linguagem verbal, posto que a palavra é o instrumento comunicativo mais poderoso de que dispõe o ser humano.

Como alunos com linguagem pobre, sem conhecimento das normas cultas poderão entender a sociedade e apreciar a cultura tradicional? E a formação acadêmica como fica?

Segundo Martín Barbero (2004: 1) a troca da linguagem – de meios a tecnologias e de imperialismo a transnacionalização – não é um mero avatar acadêmico, mas o início de movimentos econômicos, políticos e culturais em profundidade.

Podemos estar certos ao pensar que a linguagem tem a intenção de comunicar, sendo assim, os jovens estão fazendo isso. Podemos estar equivocados ao entender que no ambiente escolar, especificamente nas produções textuais essa linguagem virtual não serve. Mas como não serve se ela transmite a mensagem, se é possível a comunicação?

Há que pensar se o uso de tantos códigos e símbolos transmite realmente a mensagem ou fica a interpretação variada do receptor?

A revolução na escrita veio para ficar, pois é ágil, acontece de forma instantânea e surpreende tanto os que a idolatram, quanto àqueles que a veem como um perigo, pois para esses, esta escrita pode ser prejudicial aos alunos em fase de alfabetização. A revolução tecnológica está transformando os hábitos da população mundial.

Considerando a transformação dos hábitos faz-se necessário conscientizar os alunos adolescentes que aderiram aos hábitos das palavras abreviadas, codificadas que o objetivo da linguagem escrita vai além das abreviações e que o desenvolvimento intelectual tem relação com o da linguagem.

Para Berlanga (2010: 51) estamos, portanto, diante de uma população que tem se apropriado de modo diferente dos meios de informação e entretenimento, que prefere outras formas de ocupar seu tempo livre e que reclama novos métodos de aprendizagem. Fazem parte desta população nossos alunos. Como conviver, trabalhar, ensinar estas pessoas?

Na concepção de Morduchowicz (2008: 73) o entretenimento é uma das principais virtudes que tem os meios de comunicação e as novas tecnologias para os jovens.

Os jovens estão em busca do entretenimento. São filmes, celulares, computadores. Todos são objetos já inseridos na cultura contemporânea.

O aspecto a ser considerado é que a escola não só é entretenimento, é formação, é conhecimento e sendo assim é preciso haver maturidade e conhecimento para distinguir linguagem virtual de linguagem culta.

Ainda, Berlanga (2010: 58) aborda que a rede é um espaço multitarefa que permite ao usuário compartilhar com seu grupo de referência informação que de outro modo não poderia fazê-lo: fotos, vídeos, ficções, gostos..; conhecer gente nova, amigos de amigos, e organizar encontros, abrindo fios de comentários, como consertos ou “ficadas”.

As ofertas atrativas que o virtual oferece trazem também contato direto, físico. Isso ocorre quando há uma evolução das relações virtuais e o encontro marcado acontece. Então, neste ato não haverá abreviaturas, emotions... As pessoas irão conversar. Marcar um encontro pelo virtual é fazer uso da revolução tecnológica.

Martín Barbero (2004: 1) mostra que a revolução tecnológica está produzindo transformações transversais que se evidenciam na emergência de um ecossistema comunicativo marcado pela hegemonia da experiência audiovisual sobre a tipografia e a reintegração da imagem ao campo da produção de conhecimento.

Pensando no avanço da internet temos ver o que Wolton nos traz. Ele diz que o que surpreende não é a chegada de cada uma das tecnologias, mas a extrema rapidez com que temos passado de uma a outra sem que nenhuma desapareça.

Podemos até concordar que passamos de uma tecnologia para outra sem que a anterior desapareça, porém há que ressaltar que as demais tecnologias continuam a disposição, mas usamos intensamente a virtual. Ela é mais prática, acessível, dominante. Este domínio está presente na sala de aula quando nossos alunos escrevem abreviações nas produções textuais de norma culta.

Sendo assim, talvez é nesta circunstância que temos que pensar. Por que mudar tão rápido de uma tecnologia a outro? É por esse fator que estamos vivendo a geração da internet? Estamos conscientes da realidade? O que o virtual tem provocado em nós?

Essa potência existente na virtualidade está presente no nosso dia-a-dia, pois nos comunicamos com caixas eletrônicos de bancos, trocamos correspondências através do correio eletrônico, lemos textos na tela do computador e, com, isso, a escrita também está se transformando, pois agora utilizamos um novo suporte, que é o computador.

A comunicação virtual considera estranho que as frases sejam escritas como em um texto de um livro, pois além da ferramenta necessitar da agilidade de quem escreve, a comunicação precisa agregar símbolos para que o receptor compreenda o emissor. Isso por que na maioria das salas de bate-papo não existem outros recursos como o som e a imagem.

Além da pobreza vocabular dos alunos, da falta de argumentos nos textos, das frases curtas e pouco persuasivas, ainda neste contexto podemos inserir o dialogo entre os jovens, o contato físico. Aspecto de extrema importância e conversar, dialogar, discutir politica, saúde, educação...Como nossos alunos farão isso se estão dominados pelo virtual.

Assim ocorre igualmente com nossas formas de comunicação, que agora passa a ser também virtual. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal.

É importante admitir que a escrita virtual, ou os internetês como também é conhecido, conta com uma criatividade extraordinária de seus usuários, prova disso são os inúmeros caracteres que, podem expressar os mais variados sentimentos.

Palavras como:

Oie Anexo 2 Texto A

Eu desejo p/ que vc seja mt feliz Anexo 6 Texto A

PRECISO QUE ME CONTE TD Anexo 9 Texto A

Frases e palavras escritas de qualquer forma expressam emoção, sentimento? Como podemos saber o que estas palavras transmitem? São reais? Ou podemos transmitir o que não estamos verdadeiramente sentindo?

Na conversa virtual, o uso da linguagem abreviada, dos emotions, dos caracteres é freqüente, já que não existe a expressão facial. Na concepção de Lévy (2000: 73), uma emoção posta em palavras ou em desenhos pode ser mais facilmente compartilhada. Sendo assim, os alunos estão expressando bem suas emoções e sentimentos?

Esse mesmo aspecto, já é diferente da conversa telefônica, que também é a distância, e não é possível sentir a entonação da voz que quem fala; a não ser em caso extremos, por que ao falar ao telefone não dispusemos de emotions para expressar o que estamos sentindo.

Então, para evitar os mal-entendidos, os internautas utilizam os mais diversos recursos para fazer da língua falada-escrita, uma conversa informal e irreverente.

Na escrita através da internet não é possível demonstrarmos nossos sentimentos de tristeza, angústia ou raiva, pois não contamos com o som, o que faz com que os internautas criem outras formas de demonstrarem seus sentimentos. Com isso, ao lermos uma palavra com vários pontos de exclamação ou com o alongamento da

palavra, percebemos que o emissor da mensagem tem a intenção de dar destaque àquela expressão e, o sentimento agregado a ela é entendido no contexto da mensagem.

Muitas vezes, na conversa face-a-face, não conseguimos nos fazer entender e, no diálogo através da linguagem virtual, os mal-entendidos podem se tornar mais comuns, por isso, os internautas fazem, de forma muito criativa, uso de muitos recursos para tornar a conversa o mais próximo possível do diálogo presencial.

È possível imaginar se fica difícil entender uma conversa virtual usando abreviações, como ficará a estrutura de um texto com abreviaturas? Existe possibilidade de avaliar a formação, a opinião de um aluno nestas condições?

Ao considerarmos o número de internautas podemos deduzir que estão conseguindo expressar muito bem as emoções, pois permanecem horas na internet. Por que não dizemos que, devido ao grande número de recursos, a internet possibilita mais compreensão que ao falarmos face-a-face? Talvez não seja esse um dos motivos que têm tantos adeptos? Talvez estejam mais livres, há mais liberdade de expressão?

Na sala de aula também há liberdade de expressão, porém não há liberdade de criação de nova linguagem. Esta é uma questão fundamental a ser considerada quando tratamos de liberdade de expressão dos internautas.

De acordo com Wolton (2000: 19-20), desde quase meio século, a liberdade de expressão que havia sido o objetivo de uma longa luta, se tem convertido em algo banal. De repente, a informação e a comunicação tem trocado seu estatuto, seu papel, sua importância. Isso tudo é devido ao virtual? Tem relação com aspecto cultural? É resultado da hibridação cultural? Depende do conceito de hibridação cultural de cada pessoa?

O uso das tecnologias é uma realidade da qual não podemos fugir. Segundo Williams (1984: 42), o risco consiste agora, em adaptar aos seres humanos a um sistema, mais que adaptar o sistema aos seres humanos. Por meio desse sistema, podemos entender como o sistema virtual ao qual a cada dia estamos mais vinculados. Não há como viver sem usar esses recursos. Nós é que devemos nos habituar a eles. Os alunos já fazem isso, principalmente com a linguagem na internet.

Adaptar sob o ponto de vista do conhecimento é saber usar no local apropriado. Não podemos dizer que os alunos estão adaptados a internet se está com dificuldades de saber como devem escrever na escola e como pode ser na internet.

A utilização dos internetês é uma nova forma de comunicação entre os jovens. Através dos computadores e até mesmo dos celulares a escrita é transformada. As abreviações e as modificações na forma culta das palavras são frequentes. Questões em torno das consequências dessa linguagem ser adotada em outros meios, como nas redações, e a interferência no português padrão, surgem ao ser discutido esse assunto. As abreviações das palavras sempre existiram para agilizar a escrita.

A incorporação dessa nova linguagem à forma escrita culta não é uma das hipóteses que podem ocorrer ainda. O jovem ainda lê, mesmo que seja uma leitura diferente da realizada em livros, como em Blogs, por exemplo. O questionamento que surge é a forma como é processada essa informação.

Wolton (2000: 26) nos diz que os meios de comunicação podem converter-se em um veneno ou uma droga. Como estamos convertendo? Quais são os resultados desta conversão se considerarmos as abreviações, conhecidos como internetês inseridos na linguagem culta nas salas de aulas?

De acordo com Olson (1995: 351), a linguagem se usa para representar o mundo; permite refletir sobre o mundo e tomar consciência dele. A escrita se usa para representar a linguagem; permite refletir sobre linguagem e tomar consciência dela. Então, que consciência tem da linguagem tendo como base a internet, o virtual, às abreviações?

Ainda, qual é a representação de mundo para alunos que escrevem abreviações do mundo virtual na sala de aula?

Devemos não ser contra esse tipo de linguagem abreviada e codificada, mas seu uso deve ocorrer em locais a ela destinados, como Orkut e Messenger (MSN). Na redação, a escrita formal deve permanecer e os suportes de uso devem ser distinguidos.

A linguagem codificada está bem presente em nossa sociedade. Somos integrantes de uma sociedade contemporânea e capitalista. O capitalismo visa o lucro. Para Williams (1984: 42), a visão da sociedade que oferece o capitalismo somente pode

consistir no mercado, porque seu propósito é o lucro em atividades particulares mais que qualquer concepção geral do uso social.

Levando em consideração o meio social e o lucro como característica desse meio, podemos compreender o porquê de tanto consumismo de eletrônicos na nova geração. O consumismo desses aparelhos proporciona a proliferação dessa linguagem abreviada, curta, cheia de símbolos. Assim esse fator se desencadeia e chega até a linguagem formal na escola. Na medida em que consomem os aparelhos, divulgam a nova linguagem de abreviações, transformando-se em espaço social.

Mesmo que a proliferação da linguagem abreviada chegue à escola, sabemos que na escola é lugar de aprendizagem de conhecimento e não de lucros. Alunos não são produtos, são seres humanos em formação.

As abreviações são mais utilizadas hoje pela necessidade de agilidade, talvez pela busca por clareza e concisão que é frequente em uma época em que o tempo rege tudo.

Essa é uma das diferenças dos livros e da linguagem de hoje se comparada aos de antigamente. Isso não transforma apenas a comunicação escrita, mas também a falada. Há alunos, porém poucos, que mesmo utilizando o MSN e o Orkut, empregam nesses meios a escrita culta.

Como explicar este acontecimento? Estes sabem melhor a língua portuguesa em relação aos demais? Não sabem abreviar? Não querem usar abreviaturas? Não aderiram à cultura digital? O que representa a hibridação cultural para estes estudantes?

O contato cada vez mais cedo com a escrita codificada pode influenciar na escrita dos jovens que estão buscando uma linguagem mais rebuscada, dentro das normas gramaticais.

A leitura é aconselhada para que a escrita da forma culta seja correta, evitando prejuízos na redação e em outras funções em que as abreviações não podem aparecer.

Temos que pensar por que tanta abreviação tem algo a ver com a grande oferta de eletrônicos e a facilidade de aquisição? Williams (1984: 84) aborda que no caso das revistas e jornais, temos que encarar uma situação que o controle está cada vez em

menos mãos. Será que essa situação pode ter relação com a virtualização, com a crescente demanda das abreviações? Por que os jovens usam tão poucas leituras físicas?

Faz-se necessário refletir também em relação a colocação de Thompson (1978: 85) que diz que não só os objetos trocam, mas também os próprios conceitos devem estar sujeitos a trocas e transformação.

A partir dessa colocação, nos permitimos pensar se não somos nós, os adultos que devemos encarar as abreviações, os internetês como também apropriados para a linguagem formal. Se os conceitos devem estar sujeitos a mudanças por que não mudá-los? Afinal, não são somente os alunos que usam esses recursos, os adultos também.

Refletindo sobre as abreviações e a sua presença na linguagem formal na escola, ainda temos que destacar a expressão de Thompson (1978: 129) ao nos dizer que o sistema de valores dominante é exatamente aquele que domina.

Então, se a linguagem virtual está dominando, é por que tem valor, e por que não incluir na linguagem padrão? Até quando vamos tentar controlar a inserção das abreviações na linguagem formal?

Ao pensarmos linguagem, Gramsci (1970: 14) nos salienta que toda a linguagem contém os elementos de uma concepção do mundo e de cultura. Orientando-nos com base na colocação citada há que constatar que a linguagem abreviada está criando uma nova cultura. Podemos afirmar isso? Afinal, a linguagem carrega a concepção de mundo e no mundo contemporâneo é essa forma de comunicação que predomina.

Ao saber de Gramsci (1970: 14) que cultura é difundir criticamente verdades já descobertas e convertê-las em base de ações vitais. Assim, talvez é chegada a hora de fazermos parte dessa nova cultura digital e encararmos as abreviações na linguagem padrão como a nova cultura virtual da sociedade pós-moderna.

Agora, depende da cultura de cada um de nós, já que Gramsci também traz que todos operam segundo sua cultura, a cultura de seu ambiente.

Com este projeto pretende-se investigar os motivos que levam os alunos a empregar na linguagem formal as abreviações utilizadas na internet, nos celulares e nos demais instrumentos contemporâneos visto que nos deparamos constantemente com

estas situações. Ainda, se este fato ocorre consciente ou se os alunos nem percebem que estão empregando tais abreviações. Qual a relação das abreviações com a hibridação cultural?

Na oportunidade, pretendemos detectar as vantagens e as desvantagens que a linguagem virtual oferece em relação ao desenvolvimento da língua padrão dos adolescentes no ato da produção textual. Esta produção vai desde a escrita de um bilhete a um texto. Também, este trabalho poderá ajudar as pessoas a entender melhor o significado das abreviaturas usadas e aceitá-las como acréscimo na linguagem e não como prejuízo.

Ao pensarmos que a linguagem abreviada pode prejudicar a língua portuguesa padrão, temos que pensar naqueles que falam mais de um idioma e não esquecem a linguagem padrão. Então, qual é o segredo para dominar essas linguagens? Há que refletir no que Bajtín (2006: 173) insere, a vitória de uma língua é predominantemente implica a eliminação de outra. Será que a linguagem abreviada não está sendo vitoriosa? A linguagem é presente nos momentos sociais e históricos. De que forma deixar de lado o uso destes signos?

Ainda, Peirce (1996: 92-93) traz que a função essencial de um signo é transformar relações ineficientes em outra que sejam eficientes: não para colocá-las em ação, mas para estabelecer um hábito ou regra geral segundo as quais atuarão quando seja oportuno.

Partindo da inserção de Peirce, há muito a ser descoberto, investigado sobre os signos da internet empregado pelos alunos nos textos formais. Observando que a função social de um signo é tornar as relações eficientes, talvez seja, assim preciso empregar esses novos signos abreviados na comunicação formal escrita nas salas de aulas. Como podemos considerar essa teoria?

Há muito que buscar. Será que há um empobrecimento da língua, pelo excesso de abreviaturas, desrespeito às normas ortográficas, utilização de diferentes letras para indicar mesmo fonema, abandono da acentuação e da pontuação, frases curtas e incompletas. Enfim, por tudo fugir à norma-padrão. Mas, seria isso mesmo verdadeiro? Ou, ao contrário, seria um enriquecimento, uma vez que a tela do computador é um novo suporte para registrar a escrita?

Para Berlanga (2010: 58) não podemos esquecer que a língua que falamos ou escrevemos nos retrata ante os outros e, através dela, ostentamos uma imagem que é também o modo como nos veem os demais.

Continuando com Berlanga (2010: 51) há uma preocupação pelo avanço de uma geração que pode carecer das estratégias básicas comunicativas necessárias para sua atividade profissional e social.

Entre tantas colocações de autores relacionadas à semiótica, como podemos resolver o problema apresentado no início deste projeto de pesquisa que é a questão da linguagem abreviada com inúmeros signos sendo usada por nossos alunos na linguagem formal em salas de aula?

2.2. A escola e as abreviações: análise dos questionários

Para elaborar as entrevistas, inicialmente pensamos na realidade encontrada na escola em 2008 quando lecionava aulas de língua portuguesa para esta turma que na época estavam no primeiro ano do Ensino Médio. Pensamos em partir de algo concreto, de uma experiência vivida no trabalho de professora de língua portuguesa.

Ao iniciar consideramos algumas questões básicas sobre o sexo (masculino e feminino), e detectamos que o feminino, 53,8%, foi maior em relação ao masculino, 46,1%, na turma entrevistada na escola. Há um predomínio sexo masculino.

Em relação à cultura dos alunos entrevistados, perguntamos quais os principais meios de informação e como é a leitura. Temos que considerar que os alunos, a maioria deles vem de localidades do interior usando transporte escolar que é sem custos. Não possuímos cinemas, teatro, museus, temos apenas um memorial que os cidadãos fazem doações de objetos antigos, históricos e são poucos os objetos disponíveis para apreciação. Raramente vem circo a nossa cidade.

Pirapó é uma cidade interiorana. O que predomina é o telejornal. Em segundo lugar, o que faz parte de forma intensa da cultura dos alunos é o telefone celular que tem acesso a internet.

Identificamos que o meio de informação dominante é o telejornal 46,15%, a internet com 34,6%. Temos que ressaltar que a internet ainda é novidade na cidade de Pirapó onde está localizada a escola onde se realizaram as entrevistas. Esta antena de telefonia celular da tim foi a primeira a ser instalada e, única até o momento.

Assistimos aos telejornais na televisão, mas não temos tv por assinatura. Temos antenas parabólicas que nos oferecem opções de canais, mas não muitos.

Também, a operadora da tim disponibiliza internet no celular por 0,50 ao dia quando usar na modalidade pré-paga. Se não usa não paga. Então, como nem todo o município tem cobertura do sinal da antena da tim, quando os alunos estão na cidade para estudar, aqueles que vem do interior, disfrutam intensamente da internet no celular conversando, enviando mensagens. Pensamos que a instalação da antena da tim pode ser fator considerável no uso das abreviaturas pelos alunos entrevistados. Todos os alunos têm celular e usam internet no celular pelo preço promocional de 0,50 centavos por dia, como já colocado inicialmente neste parágrafo. São poucos os alunos que possuem computador com internet. O que predomina é usar internet no celular.

O jornal falado mostrou 15,3%. As alternativas foram sem resposta. O jornal falado necessita de rádio ou tv que para a realidade de Pirapó não apresenta muitas opções de emissoras de rádio apenas três am e uma fm.

Sabemos que jovens não tem preferência por programas de informação, mas de lazer, entretenimento. Quando falamos em lazer, voltamos ao mesmo problema, falta de opções para nossa pequena cidade de Pirapó.

Considerando a leitura dos estudantes, procuramos conhecer a realidade por meio das questões oferecidas apresentando alternativas de respostas.

Constatamos que a leitura em livros, jornais tem número significativo, com 30,7%. Os alunos tem uma hora de leitura semanal na biblioteca da escola onde é ofertado jornais: Zero Hora, Correio do Povo e A Notícia. Revistas Época, Veja, Isto é entre outras opções. Quando nos referimos aos livros, vem à realidade que preocupa a leitura de um livro ao mês e 7,6%, mais de um livro ao mês, podendo somar 38,3% que lêem um livro ou mais ao mês. Para alunos de Ensino Médio é considerável preocupante, pois a partir daí irão para a universidade cursar graduação. Então, como

fica a língua portuguesa? Como que os professores permitem que a internet ocupe o espaço de leituras em livros? Onde está a literatura brasileira com seus clássicos?

Precisamos tomar consciência dos fatos e tentar mudar a realidade constatada pelas entrevistas. Afinal, a escola é para formar cidadãos com opiniões próprias, participativos, ativos social e intelectualmente.

Considerando que a leitura em livros, jornais atinge 30,7%, sabemos que não há espaço, de acordo com nossa realidade de leitura em jornais, revistas diariamente. Primeiramente é o custo elevado por sermos cidade pequena e termos que pagar mais caro por estes serviços. Sendo assim abre espaço para uso da internet, pois é o que temos e por preço acessível. Acredita-se que com relação a esta questão, o percentual atingido é mérito da escola que oportuniza os alunos a ter aula de leitura e oferece riqueza de títulos comparando com a realidade da cidade.

Continuando com a escrita, 57,69% dos entrevistados usam abreviações. É significativo o número de alunos que usam abreviações. Nessa parte oferecemos alternativas de respostas: 'sempre', 'às vezes' e 'nunca'. No entanto, não houve nenhuma opção marcada em nunca.

Nesta questão que nos deparamos como objetivo proposto na investigação. Por que usar tanto as abreviações na língua formal.? No parágrafo anterior temos a resposta intrigante, mais da metade dos entrevistados usam abreviações e ainda, não houve nenhuma resposta para a alternativa nunca. Assim, podemos observar que realmente temos que investigar como isso ocorre e por que.

Na pergunta sobre a escrita digital, oferecemos alternativas de internet, celular e outros. O celular aparece como o primeiro, atingindo 69,2%. A internet em segundo, com 30,7%. E a opção outros não houve registro. O predomínio do celular é o que foi relato anteriormente.

Temos com as respostas da questão acima a certeza e a prova de que o celular predomina entre nossos alunos adolescentes. E ainda, em segundo lugar a internet. Todos nós temos conhecimento de que quando enviamos torpedos abreviamos. Acredita-se que assim começam as abreviaturas e intensificam-se com as conversas na internet com o celular. Para incentivar o envio de mensagens, a tim, a operadora de

nossa cidade está com uma promoção de R\$ 0,25 centavos por dia para enviar mensagens para qualquer operadora. Não importa quantas mensagens são enviadas. Promoção está que está em vigor desde o ano de 2011. Grande incentivo para os alunos. Desta forma as abreviaturas cada vez mais estão ficando enriquecidas. Novos símbolos são criados.

No questionamento aos estudantes sobre leitura digital, foram oferecidas as alternativas: Internet, Celular, Outros. O celular aparece com o lugar de maior uso da escrita digital com 61,5 %. Nos diferentes meios onde usam a escrita digital, verificamos que o celular é o principal espaço de uso da escrita digital. Em seguida vem a internet, com 3,8%.

Na Internet, os meios onde mais empregam escrita/leitura digital, os estudantes pesquisados tinham as alternativas: MSN Messenger, Orkut, E-mail e outros. Constatamos que o MSN Messenger é o espaço onde que mais usam para exercerem suas práticas de escrita digital.

O MSN Messenger predomina com 57,6% em relação às alternativas. Na Prefeitura Municipal da cidade, em frente à escola, há um Tele Centro Comunitário sem custos com dez computadores onde os alunos podem acessar o msn que é uma grande atração para os adolescentes que permanecem horas conectados. O horário de atendimento é das oito as onze e trinta e à tarde das treze e trinta às dezessete horas. Geralmente está lotado.

Na sequência temos o Orkut com 23%. O E-mail apresenta 15,3%. Há que buscar o motivo que leva ao pouco uso do Orkut e do e-mail. Talvez por ser o Orkut uma rede que exige mais dado como fotos, recados... E o e-mail é mais usado para o trabalho, como os estudantes dificilmente trabalham talvez seja esse um dos motivos.

O Tele Centro comunitário acredita-se deveria ser um espaço de aprendizagem, de formação. Com base nas entrevistas, tudo nos leva a entender que muda apenas o aparelho usado, mas nas mesmas condições. Uso da internet e sucessivamente, das abreviaturas.

A forma que os entrevistados escrevem nos espaços digitais, domina a alternativa dos alunos que escrevem de forma mista, em segundo, estão os que seguem a

norma culta, em terceiro os que não se preocupam com as normas, escrevem como falam.

Observamos que 57,6% escrevem de forma mista. Seguem a norma culta são 26,9% e 15,3% não se preocupam com as normas, escrevem como falam.

Fica evidente pelas respostas que os alunos levam para a sala de aula as práticas diárias do virtual. Temos que pensar como trabalhar com alunos jovens, adolescentes, encantados com as opções do virtual as chamadas abreviações. De que forma fazer um trabalho voltado a conscientização e compreensão deste fato?

Neste aspecto é que surgem os questionamentos e preocupações dos educadores, como de que jeito falam / e como escrevem, uma vez que a escrita nem sempre é como se fala, envolvem conhecimento gramatical como, por exemplo, da ortografia, da etimologia.

Os educadores estão muito preocupados ao perceber que alunos de ensino médio que deveriam estar com formação adequada ao nível de ensino estão lendo, e escrevendo, se comunicando de forma espontânea, sem preocupação com as normas gramaticais. O que a escola deve fazer? Como fazer?

As vantagens que essa modalidade de escrita digital oferece foi um item de resposta aberta. Destacamos algumas respostas como: mais rapidez, mais fácil e rápido, aprendemos coisas novas, mas prefiro a norma culta, foi reposta de apenas um entrevistado. Os demais continuam com mais rápida e prática.

Quais as vantagens da rapidez para escrever? A escola cumpre um calendário de 200 dias de aulas e 800 horas. Por que pressa? Como ler e escrever corretamente se a preocupação é escrever códigos virtuais?

No item em que situação os estudantes mais usam a escrita/leitura digital. Verificamos que 61,5% a usam para interagir com os amigos. Retomamos aqui a questão das carências, a implementação da solidão física que se estabeleceu a partir da implementação dos relacionamentos virtuais em detrimentos dos presenciais. Porém, a necessidade de viver e se organizarem em bando, característica comum entre os jovens, se mantêm. Destacamos o baixo uso da leitura e escrita como instrumento e fonte de

pesquisa. Por isso, o computador, conectado na Internet, poderia ser uma fonte inesgotável de informação, elaboração, estruturação e construção do conhecimento.

Verificamos que o MSN Messenger é o espaço onde mais usam a escrita livre, criativa, com 57,6% em seguida vem outros com 23%. Nesse item foi apresentada a opção 'se possível justifique sua resposta'. O MSN Messenger é o espaço que em os estudantes se sentem mais livres para expressar, com criatividade e ousadia, a sua escrita, é o lugar onde quebram a norma padrão da escrita. É o espaço onde há disputa para criar novas palavras, símbolos, códigos.

Os estudantes pesquisados lêem todas as mensagens que recebem do início ao fim são 57,6%. Buscamos saber como eles lidam com os textos que recebem no ciberespaço da Internet, uma vez que observamos que as trocas de informação são intensas e se apresentam com muita diversidade de apresentação de textos.

Sobre o que mudou na escrita dos estudantes pesquisados ao fazerem uso da leitura/escrita digital, verificamos que alguns dizem que nada mudou outros que foram poucas as mudanças, há também aqueles que disseram que tudo ficou mais rápido, mais fácil, melhor, já estão habituados a escrever assim.

Merece atenção a forma como os alunos responderam a questão. Foi de forma rápida, sem preocupação com pontos, acentos, letras maiúsculas. Totalmente despreocupados com as norma gramaticais. Observe algumas respostas:

tudo, fico + rápido

ficou melhor, + rápido

mudou, pq há facilidade p/ conversar

Assim como os alunos disseram na entrevista, escreveram. Mesmo sendo entrevistados para ser feita uma análise, não demonstraram preocupação.

Em relação ao item, você escreve mais ou menos depois de fazer uso da escrita/leitura digital constatamos que para 38,4% dos entrevistados não mudou nada, e para 38,4% escrevem e lêem mais e 23% escrevem e lêem menos.

Considerando o item melhorou ou piorou a qualidade de sua escrita e leitura, 65% dos alunos não mudou nada, 30,7% melhorou e apenas 1% piorou.

Neste instante nos deparamos com respostas preocupantes. Os alunos abreviam, criam as palavras e não estão conscientes do fato. Para eles, parece que tudo está bem, pois 65% dizem que nada mudou em relação a escrita, mas responderam sem preocupação as perguntas da entrevista. Para os alunos, escrever empregando abreviações não é mudança.

Todas são terminologias presentes no discurso e na realidade contemporânea que evidenciam o relacionamento do homem com a máquina, e a mudança de comportamento e suas demandas em função de seu relacionamento com a máquina e as tecnologias de velocidade.

A investigação pretende compreender nesta turma de vinte e seis alunos de segundo ano de Ensino Médio de uma escola pública urbana o uso das abreviações, após a análise das entrevistas e das abreviações retiradas dos textos produzidos em aulas de língua portuguesa.

Para Pettit (2009: 157) a escola, como instituição social base das comunidades, segue e seguirá sendo um espaço permanente, nas sociedades latino - americanas, para a entrada de todo o sujeito em sociedade/cultura na lecto/escritura e em costumes/valores.

Pretendemos compreender qual a base social que a escola está oferecendo aos alunos com o emprego de tantas abreviaturas. Se a escola é espaço permanente, a todo

sujeito, como trabalhar com os sujeitos contemporâneos que levam a escola novas formas de escrever?

Para avaliar e compreender os sujeitos, é necessário também considerar as entrevistas dos professores destes sujeitos.

Entre os educadores pesquisados, a maioria está acima de trinta e cinco anos: 92,3%. São pessoas jovens, profissionais que não fazem muitos anos que saíram da Universidade podendo tranquilamente conviver com as modernas tecnologias virtuais.

Acredita-se que os educadores entrevistados possam se adequar as novas tecnologias, porém fica difícil aceitar e usar as abreviações que os alunos empregam. Ainda, estes professores não são nascidos na década de 80, considerada a década da informatização.

Todos estes não tiveram acesso aos que os alunos têm. Também, os professores são profissionais que tem consciência do uso das abreviações; o que para os alunos parece faltar.

Dos educadores pesquisados, a maioria é do sexo feminino, 92,3%. Na nossa região, nas Missões, a grande parte de educadores são mulheres, talvez por sermos uma cidade praticamente agrícola. É curiosa que entre os professores entrevistados temos apenas um homem.

Constatamos que 76,9% dos professores entrevistados tem curso de pós graduação e 23,0% tem curso superior. Não há ainda no município, nem nas escolas municipais e na escola estadual nenhum professor com mestrado ou doutorado, até o momento.

O que dificulta para estudarmos é o difícil acesso para sairmos de nossa cidade, que ainda não tem ligação asfáltica até a cidade, faltam apenas dez quilômetros se usarmos o acesso via balsa, mas as cidades que possuem universidades federais estão

distantes. Assim se trona inviável para quem trabalha diariamente. Ainda, temos que considerar que as universidades privadas são de alto custo às mensalidades que não é compatível com o salário de professor. A cidade não oferece cursos de idiomas, informática, pré vestibular.

Em relação às informações culturais dos educadores, verificamos que a principal fonte de informação é o telejornal com 53,8 %, na sequencia temos o jornal escrito com 15,3%. Temos quatro pessoas entrevistadas que marcaram mais de uma alternativa. Entre as respostas estão: Uma pessoa que marcou jornal escrito, revista, internet. Outra que marcou jornal escrito, telejornal, jornal falado, revista, internet. A terceira pessoa colocou telejornal, jornal falado, internet. A quarta pessoas colocou jornal escrito, telejornal.

Assim como os alunos tem o telejornal como fonte principal de informação, também tem os professores. No entanto, para os alunos a segunda opção é a internet. Observamos a diferença entre alunos e professores pelas opções. Os professores como tem maturidade já tem o jornal como segunda opção mais indicada.

A partir desta colocação já podemos perceber que começam as diferenças. Imaginamos um professor lendo um jornal, sabendo das regras gramaticais conversando, se relacionando com alunos voltados ao mundo digital/virtual.

Na pergunta com que frequência os educadores lêem livros, observa-se que 61,5% disseram raramente lêem livro. Esse aspecto é preocupante no grupo entrevistado. 30,7% lê um livro ao mês, seguido de apenas 7,6% que lêem mais de um livro ao mês. A alternativa nunca ficou sem nenhuma resposta.

Com relação a leitura, alunos e professores deixam a desejar. No entanto, ainda os professores estão em vantagem, pois fazem leituras em jornais, enquanto que os adolescentes na internet.

Com relação à escrita/leitura digital dos entrevistados, vimos que a frequência com que fazem uso da escrita/leitura digital 84,6% faz sempre e 15,3% às vezes. A

Escola onde esses profissionais trabalham possui laboratório de informática com aulas frequentes para os alunos. A alternativa nunca não obteve nenhuma resposta.

Da mesma forma que os alunos os professores também usam escrita/leitura digital. Neste aspecto não há divergências.

Na pergunta onde você mais usa a escrita digital a internet predomina com 92,3% das respostas. Apenas uma pessoa marcou a alternativa outras opções e escreveu “no trabalho”. Os alunos usam mais a escrita digital no celular.

Ao perguntar aos professores onde você mais usa a leitura digital a internet foi a opção que predominou totalizando 100%. Uma pessoa que marcou internet e ainda colocou a palavra “raramente”.

Tanto alunos como professores usam leitura digital na internet.

Percebemos então que a internet é usada também pelos professores, a tecnologia faz parte dos educadores.

Na pergunta ao navegar na internet onde você mais usa a escrita/leitura digital o e-mail obteve o porcentual de 23%, ficando em segundo lugar o site de relacionamento, o msn. Ao perguntar outros, quais tiveram resposta: uma pessoa escreveu site de pesquisa educacional, uma pessoa escreveu pesquisa. Ainda uma pessoa respondeu e-mail e acrescentou pesquisa sobre diversos assuntos.

Acreditamos que os professores usam mais abreviações no e-mail em função do trabalho, enquanto que os alunos são jovens e não tem relações que exigem uso de e-mail. Por isso, usam mensagens abreviadas no msn, site de relacionamento para interagir com amigos. Inserimos também que a segunda opção dos alunos sobre o espaço onde mais usam a escrita/leitura digital é para fazer as atividades escolares.

Na questão de que forma você escreve nos espaços digitais a alternativa A-sigo a norma culta da língua prevaleceu com 53,8% das respostas. Ficando em segundo lugar a

opção D com 23% que escrevo de forma mista. A opção com menos percentual foi a alternativa B com 15,3%.

Os alunos escrevem de forma mista nos espaços digitais, sendo a resposta que prevaleceu. Os educadores que já tem uma formação de décadas de diferença têm também o hábito de escrever de forma culta.

Ao perguntar sobre as vantagens e desvantagens da leitura/escrita digital obtivemos respostas como:

-Vantagem-mais rápido (inclusive escrito abreviado + rápido) resposta que nos chama atenção, pois o próprio educador abreviou sua resposta, desvantagem- erros ortográficos e simplificação das palavras;

-Acesso rápido a informações, a comunicação em tempo real e opções de “entretenimento”;

-Vantagem - comunicação em tempo real, é rápida, sem preocupação (nessa resposta o entrevistado abreviou a palavra vantagem . usando vant.),desvantagem – comunicação passiva sem muito envolvimento;

-Agilidade para escrever, corrigir e enviar a informação tanto quanto a busca da mesma;

-Desestimula os alunos a fazer uso da leitura convencional;

-Vantagem – é rápida, sem preocupação (a palavra vantagem escrita vantag. pelo entrevistado);

-Acaba com a escrita correta, as pessoas ficam acomodadas;

-Sempre devemos escrever digitalmente de forma correta, pois isso ratifica aquilo que construímos como escrita/leitura já aprendida;

-Agilidade na comunicação;

-Muitas vantagens pela troca de experiência até profissional que pode haver e desvantagem pelo mau uso do tempo disponível;

-Vantagens: rapidez e praticidade. Mais contatos. Desvantagens: Impessoalidade e muita cópia. Nos desacostumamos à leitura de impressos;

-Vantagem: uma comunicação mais rápida e completa. Desvantagem: propicia o desenvolvimento de uma escrita sem normas;

-Escrita: praticidade no envio de textos e melhor apresentação. Leitura= Variedade. É abrangente. Mas, assim, os alunos convivem mais com erros de português.

Observa-se que as respostas foram transcritas conforme estão nas entrevistas, por isso há erro de colocação pronominal na resposta onde foi usada a expressão: “Nos desacostumamos”, o correto é desacostumamo-nos. Há também erros de concordância, pontuação, emprego de símbolos.

Quando perguntamos em relação à percepção dos alunos quanto ao uso da escrita/leitura digital nos alunos, 76,9% dos entrevistados nos responderam que veem como problema, 23% naturalmente e no se possível justifique sua resposta tivemos:

-Este recurso está sendo usado pelos nossos alunos apenas para entretenimento, por prazer, desviando assim o foco central da aprendizagem;

-Pois a cada ano que vem às dificuldades são maiores e muito preocupantes;

-Muitas abreviaturas e códigos;

-Pode ser preocupante se o aluno se tornar dependente do uso da internet e deixar outras atividades de lado;

-A princípio naturalmente porque (o professor escreveu abreviado o porquê, colocou pq.) acho cedo para uma avaliação tendo em vista que as vezes eles perguntam pode usar abreviações?

-Escrevem abreviando as palavras de forma incorreta;

- A maioria dos nossos alunos adolescentes escrevem de forma codificada as palavras no ORKUT, faltando letras e palavras desacentuadas e isso passa a acontecer na grafia das escritas no caderno de aula, em suas elaborações textuais;

-Por que muitos alunos que usa a escrita digital não seguem as regras do português (muito abreviado); pontuação irregular e não se preocupam em fazer corretamente;

-Pois muitas vezes da maneira com que falam também escrevem e isso pode atrapalhar no aprendizado do português;

-Na maioria dos casos os alunos leem, escrevem textos curtos (MSN, ORKUT, e, em virtude disso, não gostam de ler e/ou produzir textos mais extensos;

-Não há preocupação em relação às regras e normas, gera um tipo de “gíria virtual”;

-Para a leitura é um ótimo veículo e, na escrita, percebo que praticamente criaram seu próprio vocabulário. A maioria “não está nem aí” para a norma culta, mas saciam suas necessidades igual.

Tivemos um entrevistado que não respondeu nada neste espaço.

Ao obter a resposta de 76,9% dos educadores considerar problema os usos de abreviações têm que abrir espaço para investigar o que leva ao fato e a resposta predominante sobre o problema apresentado. Cabe aos professores buscar um caminho para o problema. A forma para resolver isto, é que está em estudo.

Ao perguntarmos sobre as mudanças após o uso na escrita/leitura depois de fazerem uso da escrita/leitura digital nos responderam:

- Usam muita abreviatura;

-A diversidade de informações, novidades e a realização de atividades múltiplas na internet ao mesmo tempo, está impossibilitando a concentração e o armazenamento de informações em sala de aula;

-Na escrita eu vejo que nada, a leitura é que melhorou um pouco talvez mais informados;

-Acomodação. Pouca escrita no rascunho. Pegam pronto (cópia), não pensam, formulam;

-Quando solicitado pesquisa os alunos optam por colar da internet; acabaram se acomodando e procurando o mais fácil;

-Não percebo grandes mudanças, talvez porque (o porque foi escrito abreviado pq.) nem todos usam com frequência;

-Acabam escrevendo incorretamente em qualquer meio;

-Muitas palavras escritas incorretamente;

-Usam muito a gíria dos jovens, meias palavras...;

-Muitas palavras abreviadas, siglas e verbos conjugados errados;

-Estão perdendo o gosto pela leitura de livros. Na escrita usam muitas abreviaturas e nível coloquial. Tudo vale.

-Ocorreu uma maior abreviação na escrita das palavras e a bagagem cultural tende a reduzir pela falta de investimento em notícias, atualidades e fatos históricos;

-Não querem mais acentuar palavras e nem fazer uso da pontuação e escrevem de forma mais abreviada. Já nem letras maiúsculas não querem mais usar. Tudo querem simplificar.

Com base nas respostas da presente questão, podemos dizer que há uma mudança considerável na forma dos alunos escreverem. São inúmeras as acima elencadas.

Questionamos os professores entrevistados sobre a escrita/leitura o que mudou e tivemos como resposta:

-Acredito que consigo me manter mais atualizada;

-A minha escrita continua a mesma. Aumentei a leitura digital em detrimento da impressa;

-As vezes me pego abreviando algumas palavras;

-Mais agilidade nos trabalhos e leitura;

-Procuro escrever e ler dentro de uma ortografia tanto na escrita normal quanto na ortografia digital, evitando assim o que já está acontecendo com nossos alunos: o desaprender da escrita com o uso da NET;

-Nada;

-Acho que não mudou quase nada, porém para algumas situações há bastante agilidade e rapidez nessa escrita/leitura;

-Nada, continua lendo e buscando informações de forma tradicional;

-Apresento meu trabalho de forma mais organizada, abrangente. Melhorou a forma (busca) de novas técnicas e atividades. Interatividade;

-Muitas coisas, pois vejo que sou mais informada, mais palavras novas no vocabulário e ideias diferentes;

-Me preocupo menos com a norma culta;

-Passei a utilizar “cautelosamente” todos os mecanismos oriundos da escrita/leitura e a discutir com os alunos sobre as vantagens e desvantagens do uso da mesma.

-Como, atualmente, raramente, uso recursos digitais para isto, devido estar licenciada da escola e antes, usava pouco, nada mudou. Prefiro jornais, livros e revistas impressas ou pela televisão;

Para os educadores foram insignificativas as mudanças ocasionadas pelo uso da leitura/escrita digital.

Ao indagar em relação a questão depois de fazer uso da escrita/leitura digital como estão os alunos, a grande parte dos entrevistados colocou que escrevem e leem menos atingindo 69,2%, ficando em segundo lugar a alternativa escrevem e leem mais com 15,3%. Somente uma pessoa marcou a alternativa não mudou nada. Tivemos uma pessoa que não marcou nenhuma das alternativas.

Ao pedir para justificar a resposta responderam:

-Me preocupo menos com a norma culta;

-Continuam escrevendo, porem não há interesse em leituras de obras literárias, reportagens jornalísticas. Este material deixou de ser atrativo. Outro fator que merece ser destacado é que em trabalhos de pesquisa os alunos não leem e analisam os conteúdos postados nos sites, a praticidade em “copiar” e “colocar” é uma prática constante.

-Escrevem “nas”, leiam menos ainda, pois tem preguiça de interpretar;

A palavra nas, no entender da resposta e pelo contexto quer dizer mais. Constatamos assim que até os professores estão despreocupados coma a norma culta.

-Devido o uso de códigos;

-Estão mais acomodados;

-Para perceber mudanças mais efetivas acho que todos os alunos deveriam usar com a mesma frequência essa escrita/leitura;

-Ficaram mais preguiçosos, pois a leitura digital e a escrita vem pronta, não precisa se esforçarem;

-Pois ficam mais tempo em frente ao PC;

Eles escrevem e lêem mais, mesmo sendo que muitas vezes não seja algo construtivo para o conhecimento deles;

-Os que tema acesso a essas mídias estão se sentindo no “auge”: querem cada dia mais amigos virtuais e passam a fazer parte das comunidades (as mais estranhas) diversas, sem analisar com profundidade seus conteúdos.

Os amigos muitas vezes não são conhecidos. Apenas adicionam para aumentar o nº deles e nem ao menos enviam recados.

Conclusão: escrevem o mínimo necessário e ler...

-Se entretém e acabam relaxando na leitura e assim consequentemente na escrita;

-Em nossa escola há aulas de informática com professor específico e eu, não usava essa metodologia em minhas aulas, apenas eles, os alunos, nas pesquisas extraclases;

-Os alunos usam a INTERNET mais para entretenimento e não com o objetivo de uma leitura educativa e para produções textuais. Porém tem alunos que fazem bom uso e utilizam os meios digitais para melhorarem sua escrita.

Referente a esta questão, os alunos escreveram sem pontuação, com abreviações, linguagem simples, vocabulário pobre. Os educadores usaram também abreviações, mas em proporção menor, com respostas melhor elaboradas, emprego de pontuação, acentuação e vocabulário diversificado.

Ao perguntarmos se melhorou ou piorou a qualidade da escrita/leitura dos alunos constatamos que para 76,9% dos entrevistados piorou. Para 15,3% não mudou e uma pessoa não marcou nada.

Ao solicitar justificativa para a resposta tivemos:

- Aqui em Pirapó ainda poucos os alunos que, em casa, tem computador, e, na escola, parece que as aulas são mensais para perpassar todas as turmas;

Eu, por exemplo, já trabalhei de forma digital e virtual em banco, jornal, e já fui correspondente de jornal tbém, (a palavra abreviada quer dizer também) , enviando tudo por e-mail e, atual, tenho o computador tradicional e o notebook, mas não uso. Estou numa fase de valorizar mais o contexto humano e as trocas de experiências pela oralidade humana. E como aprendo! Visito mais as pessoas, e, em cada uma delas, aprendo novidades inacreditáveis até;

-Muitas abreviações e siglas;

-É muita informação, acabam fazendo uso do que interessa a eles.

-Por escrever menos e tb.(também) por precisar escrever menos a caligrafia vem piorando cada vez mais;

-Ao usara escrita digital fazem uso de abreviaturas e símbolos que acabam influenciando na forma de se expressarem;

-Porque reduzirem o uso, a frequência, a qualidade;

-Percebe-se que com o uso da escrita/leitura digital os alunos passaram a utilizar abreviaturas, períodos curtos, vocabulário bem restrito, frases desestruturadas.

-Piorou em função do uso frequente de abreviaturas em textos formais;

-Grande parte dos alunos não utilizam os meios digitais para melhorar a escrita, por exemplo o ORKUT. Mas existe exceções.

Novamente é reforçado o problema das abreviações. Já está presente nesta entrevista, na resposta dos professores que 76,9% consideram as abreviações um problema e ainda, nesta questão predomina a resposta afirmando que piorou a escrita dos alunos em função da internet.

Ao interrogar sobre as expectativas sobre o futuro da escrita/leitura digital refletindo como a escola deve lidar com essa realidade os entrevistados disseram que:

- Estará menos preocupada com a norma culta. Diante desta realidade devemos continuar orientando e cobrando a norma culta;

-A tendência é que este recurso abranja cada vez mais adeptos e há um grande trabalho a ser feito nas famílias e nas escolas.

O professor da área de linguagens precisa rever suas práticas e criar projetos educacionais voltados ao resgate da leitura, pois não há tecnologia capaz de substituí-la;

-Tenho muita preocupação, pois cada vez está diminuindo o interesse pelo saber, conhecimento, tornando-se normal escrever e falar errado;

-Cada vez mais acessível; pior qualidade; muita cópia e pouca criatividade; muitas malícias (uso indevido); porém mais interativa e eficiente nas informações (instantâneas);

-Acho muito válida essa forma de comunicação pena que os alunos deixam de lado a escrita e a fala cultas;

-A tendência, na minha opinião e que aos poucos a escrita a punha vai ficar em desuso, muito pouco utilizada e a escola com certeza deverá se mobilizar para não deixar morrer pois a escrita/leitura digital vai prevalecer com certeza, já li algo a respeito que até as assinaturas serão digitais e a alfabetização das crianças será através de leitura digital;

-Com os avanços tecnológicos cada vez mais crescente trás muitos benefícios e deve ser usados na escola, porém ser mais cobrados pelos professores o ler e escrever corretamente em todas as áreas do conhecimento;

-Acho que a escola deve incentivar, inclusive proporcionando mais tempo aos alunos na sala ou laboratórios de informática, com professores com cursos e capacitados para a devida orientação do uso;

-A escola deve insentivar o uso desta escrita, mas exigir que o aluno escreva sem abreviações e nem siglas e usar disso para trabalhar o português;

-Em relação à escola, usar a escrita e leitura digital no sentido de pesquisa e informações, alertando aos educandos a necessidade da prioridade às normas e regras cultas da língua;

-Eu acredito que a escola deve orientar os alunos a escrever e ler digitalmente como na ortografia oficial, senão as expectativas em aprender e melhorar a escrita pelo meio digital não se tornará um instrumento favorável ao processo de construção da escrita;

-Nós, professores, devemos dominar essa tecnologia e usá-la em favor da aprendizagem de nossos alunos.

Devemos procurar conhecer todos os recursos que a escrita/leitura digital nos oferece e, gradativamente, leva-los para nossas aulas, mostrando aos alunos que existem outros recursos usos (não só para relacionamentos) que podem resultar em mais conhecimento e/ou na organização dos conhecimentos formais.

É preciso, também, mostrar aos alunos que é possível conversarmos com os amigos sem eixar de lado as aprendizagens obtidas na escola (escrita), pois muitos acreditam que é “ridículo” utilizarem a linguagem padrão.

Outra preocupação, é que percebam que pesquisar na internet não é sinônimo de “copiar/colar”.

-Primeiro, todos os professores deveriam receber um preparo digital. Já fiz 2 ou 3 cursos básicos e não aprendi quase nada e parece que tenho um bloqueio com o mundo digital. Parece que não se tem mais tempo, de se aprender tantas novidades! Mas um curso ou um preparo para fins didáticos, nunca tive e nem procurei. E haja tempo, para tudo isto. São tantas, as necessidades mais vitais!

As respostas são diversificadas com relação à pergunta da entrevista. Há também divergências de respostas, enquanto há alguns que colocam que há menos preocupação com a norma culta, há resposta que deve ser trabalhado na família e na escola, outro respondeu que o professor deve rever suas praticas, outro que os alunos deixam de lado a escrita e fala culta, a escrita formal vai cair em desuso, a escola deve orientar o uso.. Entre tantas repostas que merecem destaque, inferimos que as respostas abordam as expectativas que os professores percebem nas diferentes formas de escrever que chegam as salas de aulas. Deduzimos que todos estão conscientes das mudanças que vem ocorrendo com a língua portuguesa.

Educandos e educadores estão num umbral, como escrever diante de tantos recursos tecnológicos ofertados na sociedade contemporânea. A semiótica, ciência das interpretações nos permite refletir sobre o objetivo proposto inicialmente nesta investigação que trata do uso das palavras abreviadas na linguagem formal da sala de aula. Constatamos o que propusemos, então, que caminho seguir? Como proceder?

Muitos são os questionamentos que nos permitiríamos inserir aqui. Portanto, todos voltados ao mesmo tema, abreviações. Afinal a semioses é assim, não finda.

CONCLUSÃO:

Ao chegarmos ao término desta pesquisa que é a construção da dissertação de mestrado, constatamos que pesquisar é buscar respostas para os objetivos inicialmente propostos.

A pesquisa na semiótica é uma verdadeira semioses, sempre nos leva adiante, a buscar mais caminhos novos que surgem no decorrer da dissertação, a descobrir as inúmeras interpretações.

Mesmo havendo inúmeras possibilidades de pesquisa, de investigação e interpretações acreditamos ter traçado os objetivos sobre a “Abreviatura na Linguagem Formal dos Alunos de Ensino Médio”.

Com base nas constatações decorrentes da investigação, podemos inserir reflexões e questionamentos considerando a Semiótica Discursiva com seus teóricos.

Na introdução da dissertação colocamos a apresentação do tema pesquisado com a inserção de algumas teorias semióticas, a justificativa pela escolha do tema, seus objetivos, a proposta da pesquisa, além de sua estrutura.

Com relação à estrutura, a dissertação consiste em duas partes. Na primeira parte colocamos a teoria e a metodologia partindo de um breve histórico da língua/linguagem abordando como foram as primeiras escritas/abreviações. As teorias presentes estão relacionadas com as questões existentes sobre “As Abreviações na Linguagem Formal dos Alunos de Ensino Médio”. Ainda, como as tecnologias de informação e comunicação juntamente com a semiótica interpretam as abreviações, que é o problema inicialmente proposto. Buscamos as características desta escrita abreviada, a relação com a sociedade contemporânea e a escola.

Na segunda parte, estão as produções textuais dos alunos acompanhadas das abreviações presentes que realmente estão no contexto da sala de aula na linguagem formal, de reflexões semióticas interpretativas. Também tem a entrevista dos alunos e

dos professores com as respostas e dúvidas em função do tema estudado. Nestas entrevistas dos professores estiveram presente também abreviações e despreocupação na escrita.

Considerando o desenvolvimento da dissertação, percebemos que as produções textuais buscadas para análise trouxeram as abreviações nos textos que foram produzidos em aulas de língua portuguesa com alunos de ensino médio onde deveria prevalecer a língua formal culta, sem as abreviaturas que não são consideradas oficiais, como estas que os alunos usaram oriundas do avanço das tecnologias de informação e comunicação.

A escolha pela série também contribui para que as abreviações aparecessem, pois são alunos adolescentes que são pessoas jovens, curiosas de fácil interação com o novo, com a tecnologia que tanto atrai os jovens. Os alunos são de uma geração que faz várias coisas ao mesmo tempo, leem, veem televisão, estudam, mexem no celular...

O tema apresentado nesta dissertação que trata de investigar as influências que a linguagem virtual exerce sobre a linguagem formal de adolescentes está esclarecido, mas mesmo assim continuamos com questionamentos e interrogações, uma vez que estamos fazendo uso da semiótica que traz a semioses permitindo sempre novas interpretações.

Identificamos várias características da linguagem virtual presentes nas produções textuais analisadas. Palavras curtas, abreviadas, muitas repetições de palavras, vocabulário pobre, alguns textos, a maioria sem estrutura textual de acordo com a série, pressa ao escrever, falta de pontuação, coerência, coesão, argumentação, algumas grafias quase ilegíveis...

Como fica a questão da educação, do ensinar os alunos de acordo com a série em que se encontram? A escola está fazendo sua função se permite abreviações nas produções textuais em aulas de língua portuguesa onde deveria ser a língua culta? Se as abreviações estão na escola é por que o professor permite?

E a formação do aluno ao sair da escola e ir ao mercado de trabalho, como fica? Terá condições de redigir um ofício solicitando um trabalho, um documento? Quando irá suprir as deficiências que a escola deixou?

Não podemos discriminar as abreviações, culpá-las pelos problemas constatados pela presença das abreviações da linguagem formal nas salas de aulas. Devemos é orientar os alunos que as abreviaturas não fazem parte da escrita no contexto escolar, é parte do meio virtual.

Percebemos que falta maturidade, conhecimento, habilidade para os alunos administrar quando e onde as abreviaturas podem ser usadas. Mas e os professores, onde estão? Que responsabilidade tem pelo seu trabalho e perante a formação dos alunos? E a sociedade cível que oportuniza tantos recursos virtuais, como pode contribuir?

Talvez os professores não estejam preparados para enfrentar a situação apresentada. Sabemos que a formação de muitos não aborda este aspecto, mas cabe à sociedade, as universidades, os cursos de formação continuada trabalhar estas questões para que possamos ter profissionais em educação que possam enfrentar a realidade das abreviações na linguagem formal dos alunos de ensino médio.

Assim como fica debilitada a formação escrita do aluno, afeta também o desenvolvimento da linguagem oral, escrita, argumentativa. Imagina que argumentos terá um jovem que não tem vocabulário para escrever textos na sala de aula? Na hora de argumentar poderá abreviar? Como fica o intelectual destes alunos? E também dos professores que convivem com as abreviações?

Que políticos serão considerando as características dos textos escritos pelos alunos em sala de aulas. A cada dia a leitura perde adeptos e a internet bombardeia com blogs, alguns poucos com linguagem formal correta. Onde estão os livros? Como fica a leitura da literatura?

Notamos que há pouco tempo atrás não tínhamos abreviações na escola, mas agora que temos precisamos nos adaptar sempre sem prejudicar a formação do conhecimento.

Sabemos que a escrita virtual é prática, divertida, criativa, igual para todos no virtual, porém nas produções textuais de sala de aula devem ficar ausentes. O virtual se torna negativo quando prejudica os alunos em sua formação intelectual. Abala o raciocínio, visto que as abreviações de diversas formas estão “corretas” no virtual.

Talvez fossem fundamentais termos apoio pedagógico para mudar a realidade das abreviações. Parece que diariamente estão se intensificando. O consumismo acelera a situação relatada. A sociedade contemporânea e consumista e caracterizada pelo imediatismo, que facilita as abreviações.

Hoje a comunicação, a internet não tem fronteira. A acessibilidade pelo baixo custo e praticidade impulsiona o contato com o virtual. Nossos alunos não ficam de fora. Porém, os professores se angustiam como isso.

Temos a cultura digital da qual não é permitido fugir. Então pensamos como ficam aquelas histórias contadas oralmente em rodas de amigos, família... Os laços de amizade, as histórias infantis?

Como se desenvolve o pensamento de um aluno que abandona a leitura de livros, jornais, revistas e fica visitando sites, blogs...Que lê pouco e escreve abreviado? E as relações afetivas também ficam afetadas, pois as pessoas se relacionam pelo celular, pelo computador.

Cabe analisar a realidade local, de Pirapó que é cidade pequena e as pessoas teriam tempo para se relacionar fisicamente, mas estão aderindo ao virtual, parece mais cômodo, prático interessante. Isso nos deixa claro que as tecnologias de informação não tem fronteiras.

E a vida parece que muda totalmente, incluindo aprendizagem, trabalho, relacionamento, pensamento. É uma nova situação na qual estamos inseridos. Hoje, em nossa cidade é raro ver um jovem sem celular, bem como adultos.

A linguagem é inata do ser humano, assim como ele se transforma a linguagem também o acompanha. As abreviações são usadas por vários grupos de pessoas e em diversos meios, assim como os jovens também usam. Mas a diferença é que os alunos levam para as salas de aulas e como consequência obtêm dificuldades de produção textuais.

Diante desta situação a escola tem grandes desafios a enfrentar, pois precisa encontrar formas de naturalizar estas escritas de acordo com seu ambiente. Como conscientizar os alunos sobre as diferenças de usar a linguagem formal culta e a abreviada? De onde devem partir a atitude de mostrar que as praticas abreviativas podem estar na escola, mas no celular, na internet, nos bilhetes trocados informalmente, mas nas salas de aulas não?

A escola é responsável pela formação do aluno, pela preparação para a vida, para o trabalho, para inseri-lo na sociedade estando preparando para enfrentar os desafios. Mas será que esta formação não estando sendo prejudicada se há características da linguagem virtual na linguagem formal?

Sendo assim, constatamos que o material buscado permitiu a análise semiótica de acordo com o Mestrado em Semiótica Discursiva. Os teóricos semióticos estiveram presentes no decorrer do desenvolvimento do projeto possibilitando as diversas interpretações que a semioses nos permite. A riqueza semiótica abriu janelas, fez questionamentos, colocou-nos em diferentes ângulos nas análises sobre a Abreviatura na Linguagem Formal dos Alunos.

Diante disso, faz-se necessário buscar maneiras de administrar as abreviações mantendo o aluno incluso nas tecnologias de informação e comunicação sem prejuízo de formação, pois afinal os alunos da escola hoje, são cidadãos que estão na sociedade também. Não podemos responsabilizar a escola, os professores, mas sim contar com o apoio de todas as instituições para que tenhamos a verdadeira formação de nossos

alunos. As abreviações sempre existirão e permanecerão, porém de forma consciente para com todos. Atingimos os objetivos propostos nesta dissertação, mas não atingimos todas as interpretações que a maravilhosa semiótica nos ensina e permite.

Cabe ressaltar que estudar semiótica é mergulhar num mundo intelectual incalculável, prazeroso que a partir deste termino da dissertação podemos olhar com outros olhos a linguagem e tudo o que nos cerca. Afinal tudo se interpreta. Isso é a verdade essência da semiótica, deixar o mestrando num patamar fantástico de interpretações. Semioses, sempre semioses. Abreviar ou não, é semiótica.

BIBLIOGRAFIA:

Bajtín, Mijaíl. *Nuevo diccionario de la teoría de Mijaíl Bajtín*, Córdoba, Ferreyra, 2006.

Bajtín, M./Voloshinov, V.(1998 G. Blank Com.) *Qué es lenguaje?*, Buenos Aires, Almagesto, 1929.

Berlanga, I y Martinez, E. *Ciberlenguaje y principios de retórica clásica. Redes sociales: el caso Facebook*. Enl@ce Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento, 7 (2), 47-61, 2010.

Elizalde, A. *¿Sueños utópicos de libertad o cotidiana construcción colectiva?* Enl@ce Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento, 7 (2), 25-45, 2010.

García, M. *Narración. Semiosis/Memoria*, Posadas, Editorial Universitaria (UNaM), 2004.

García Canclini, N. *Culturas híbridas. Poderes Oblíquos*. En: *Culturas híbridas: estrategias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo, EDUSP, 2006.

_____ *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo, Iluminuras, 2008.

Gramsci, Antonio. *Introducción a la filosofía de la praxis*, Barcelona, Península, (capítulos 1y 2) 1970.

Havelock, Eric.. *La ecuación oral-escrito: una fórmula para la mentalidad moderna en Olson, David; Torrance, Nancy(comp.): Cultura escrita y oralidad*, Barcelona, Gedisa, pp.24-46,1995.

_____ *La teoría general de la oralidad primaria en La musa aprende escribir*, Madrid, Paidós, pp.61-71, 1996.

Johnson, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

Lévy, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo, Ed. 34, 1996.

_____ A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In MARTINS e SILVA (orgs). Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2003.

Martín Barbero, Jesús. *Médios y culturas em el espacio latinoamericano* Pensar Iberoamérica, Revista de Cultura, 5, 1-13, 2004.

Morduchowicz, Roxana. *La generación multimídia: significados, consumos y prácticas culturales de los jóvenes*, Buenos Aires, Paidós, 2008.

Mozejko, Danuta Teresa y Costa. Ricardo Lionel, “Producción discursiva: diversidad de sujetos”. *En: lugares del decir. Competencia social y estrategias discursivas*. Rosario, Homo Sapiens, págs.13-42, 2002.

Olson, David. “La cultura escrita como actividad metalingüística” en Olson, David; Torrance, Nancy(comp.), *Cultura escrita y oralidad*, Barcelona, Gedisa, pp.333-357,1995.

Peirce,Ch.S.. *La ciencia de la semiótica*. A.Sercovich (trad.,selec.,pres. Y notas). Buenos Aires, Nueva Visión, 1996.

Pettit, Cristina M. *Medios y tecnologías de la información y la comunicación: socialización y nuevas apropiaciones*. Córdoba, Brujas, 2009.

Piscitelli, Alejandro. *Meta-cultura. A eclipse de los medios masivos en la era de la Internet*. Buenos Aires, La crujía, 2002.

Portela, Jean Cristtus e Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz. *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru, Unesp/Faac, 2008.

Santaella, Lucia. *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano*. Porto Alegre, Faneccos, 2003.

_____ *O que é semiótica*, São Paulo, Brasiliense, 2006.

Silva, Maria C.P. *Abreviar é preciso*, São Paulo, Escala Educacional, 2009 N.17: 24-27,(ISSN 1984-3682).

Thompson, Edward P.. *Miséria de la teoria*. Barcelona, Critica, 1978.

Williams, R.. Towards 2000. en Hacia el año 2000. *Cap. "Sociedad" "industrial" y "postindustrial"; "Antigua y nueva democracia" "Cultura y tecnología"* Barcelona, Grijalbo, 1984.

Wolton, Dominique. *Sobrevivir Internet*. Barcelona, Gedisa, 2000.

_____ *Pensar la comunicación: punto de vista para periodistas y políticos*.
Buenos Aires, Prometeo Libros, 2007

ANEXOS:

Anexo 1

Ana

Quero que vc venha aqui em casa
p/ nós combinarmos de ir a uma festa,
no domingo. Podemos conversar bastante,
a minha mãe ã vai tar em casa, aí
podemos escutar música e fazer fofoca
da vida alheia.

Tchau.

Bjs

Gizeli

Cate Mombá estava K minhunado quando saiu
o Di e comexidi p/ i tema umas curvas no Belo
gardo. É b falô q ã pediu i por q a mãe dele
estava na citi.

Christiano

Anexo 2

(/ /)
Toniise.

Die, tudo bem? Preciso te contar uma
nova! Lembra daquele menino lá do
bairro q' nós conhecemos? Ele tava passan-
do na frente de ksa e eu apareci lá
na frente p' ele me vê e daí ele che-
gou lá em ksa e pediu o nº do
meu cel e eu dei o teu, táh? J' vai
ficar brava cmg eu falei p' ele pq
vc gostou do menino aquele dia.

Um beijo amiga.

Xau até + ...

Sabrina Weber Gomes.

Anexo 3

Acidente matou 5 pessoas

No município de Hy ocorreu um acidente no BR 1050, um caminhão seduzido por P/ a capital e bateu de frente com um kno que trafegava na direção contrária.

Segundo o laudo dos peritos o caminhoneiro perdeu o controle do veículo e lit de frente com um kno. O motorista do caso e a três pessoas com quem ele viajara morreram no local, já o motorista do caminhão morreu no caminho por não resistir os ferimentos?

Exclusão

Anexo 4

Samuel

O gêmeo confirmou ontem que era B.V e não
gestava de gêmeo. V.C sabia que o timão ganhou do Timão
por 2 a 1. P.V é que tem de melhor na sua escola, B.A
tem bastante. E tá pegando alguma B.A, V.P

Joel Augusto

Augusto

V.C sabia que o timão ãi perde a 30^{as} jogos.
P.V é que significa isso. Tenho outra novidade?
V.C o Ederson revelou que era B.V até ontem. V.C
Tá pegando alguma B.R.

so mel.

Nanico

V.C sabia que o teu Timão vai ir p/ a segunda da
visão do Brasileiro e ãi vai sair mais.

Ass: Gervasio G. M. Mente

Anexo 5

Passando

no dia 11 de junho de 07 Sai a 8:00 de Koa d' Moto
 sem T'horas p' voltar, resolvi ir p' Koa d' amigo
 Ederson. E q' chegi Ederson c' V' p' ir p' o cinema.
 do eu aceti de ^{que} me convidado p' ir e adiatimos
 muito.

~~Ata~~

Soneira

Oii! Tudo Bem? Espero que sim.
 Quero te convidar p' ir em minha
 Koa pois tera um almeço p' come-
 merar se meu viver.
 Se poderia ir p' pensar, pq nã tem como
 voltar.

tchau Bjs

Jati

Anexo 6

Kélan

VC é uma pessoa muito legal, extrovertida,
ajuda, nos mata que nós temos dificuldade.

Por que eu acho isso de VC, VC quer jogar. Al.
VC disse que o seu sonho é ir para o exército,
ver um tanque de seu nome.

Eu desejo pl que VC seja mt feliz.
VC palavras pd dizer mt coisas.

Alviane Neves
Kachlan no

Ruty;

Namoro com a praça BB um pc, depois pedimos
jogo bola no ginásio, é qd nã xama o loco pq ele é totalmente
si moç.

Dionatan

Anexo 7

O consumo das
Drogas

A cada dia aumenta o consumo das drogas entre os jovens. As autoridades não sabem o q fazer p/ acabar com isso. P/ se ter ideia de como está crítico é só olhar jornais onde tem manchetes com filhos matando pais, pais sendo obrigados a amarrar seus filhos p/ eles não sair.

As vezes paramos p/ pensar o q leva a esses jovens a consumir drogas. eles sabem q não é bom. As B... estão na nossa frente, a timidez, a falta de diálogo em casa, a curiosidade, celebração p/ fazer o q seus pais rejeita, tb: - pode ser em abito de gozações nas escolas.

Mas nós não podemos fechar os olhos p/ esses jovens pois eles são o futuro da sociedade.

Não pense q VC
 não é ninguém pois Kelen 2º Diuro
 VC pode ser o Mnd BJs Cida
 de alg m.

Anexo 8

(11)

Sabrina ✍

Oii! Tudo bem? Bastamos com saudade, esperamos qd venha logo nos visitar, pois tenho várias coisas pra contar, já qd faz tanto tempo qd vc ã aparece por aqui!

Por aqui estamos todos bem! Espero qd ai tbm!

O Lucas está estudando eu ainda por Ksa?

Me responde! Te esperamos!

Venha logo!

Bjus!

Tamo Dt...

Tamize Adorno de
Mattos ✍

Anexo 9

Querida Amiga

Tô te escrevendo para saber como está td aí na sua nova cidade. E a escola nova já se adaptou as novas coisas, as conteúdos? PRECISO QUE ME CONTE TD!

Aqui as coisas estão td do msm jeito, as aulas continuam bem sem graça

Já a cidade teve algumas mudanças, teve uma inauguração de uma nova praça, q tem bastante movimento. Se aquele shopping q tinha fechado no ano passado? Realizei algumas mba diversão pra nós, vem contar as roupas maravilhosas.

As mudanças q aconteceu em minha vida após q vc foi embora ã foram muitas, Conheci algumas amigas novas, por sinal sem preconceitos etc, aquele jeito q tinha, tímido, mas q sempre me ajudou nos momentos em q mais precisei.

Enfim, as novi daqui são q são essas.

Apelo q me retorne em breve me contancie como está td aí, mas qto saber TD mesmo viu! HEHEHE

Muito
Saudades!!!

Tâmara

Anexo 10

Gabi

Vc pode ir na minha casa, meu mixer,
 tb conversar. Genho novi, Piriqueti, con-
 vido a Tati.

Qud ir vai p/ ficar, pq que n dá
 p/ voltar.

Byjus

Tati

Totione.

Quero te convidar p/ passar
 um final de semana em minha
 casa. Quero muito que vc venha
 no sábado.

Conversaremos lá em casa, pois
 minha mãe n vai estar em
 casa. espero vc.

BJS

Te Hau

Sonessa

Anexo 11

Fabi

Queria q/ vc fosse um dia lá em Ksa, com o transporte escolar de meio dia p/ passar o dia comigo.

P/ vc conhecer melhor minha Ksa e tb botar os fofoca em dia.

By
Mona

Fabi

É p/ vc vir a tarde sexta-feira p/ o curso de computação na prefeitura e depois nós vamos juntas p/ minha Ksa.

Byes.

Fabi

Anexo 12

CONVERSA NO MSN

- É aew milta! miúg táh?
- Blz, e aew, cm ando da city?
- Triângulo tlem!
- É as rei, q mu centos a ror?
- Bah... tá, e aew?
- Nls tlem... nus, no munk tm reis...
- Claro, more em city pgra neh... aew reum. lomaltes, acenticamente... ahua hua
- Pôr eh, do e meio. chate mora aew neh... se mau. ttm ventad de morar em uma cidade maior?
- Tmho sim... só vou terminar o Ensino Médio e vou embarcar, fôgr facil...
- Então táh, se mora...
- Blz
- Xau, bye.

Solina



Anexo 13

Meu Amigo

É aí tudo bem! Tô t. esperando só em caso p/ não fazer um futebol. S.g. tu ~~não~~ tá chegando + tá algum problema com o família, tá preocupado preciso d alguma ajuda, pq se preciso é só mandar resposta q eu passo lá aí. Tô esperando notícias. Abraços

Ólos

Uma pequena Viagem

Uma viagem de fim de ano cai sempre bem, p/q, descansa um pouco a cabeça quente de um ano inteiro de estudo, um bom exemplo é ir jogar futebol com os amigos claro que isso ~~não~~ é uma viagem, é um jeito de se divertir muito +. Em uma viagem a gente se diverte as vezes + mas as vezes -, por isso um futebol com os amigos cai bem:

Junios

Anexo 14

Auto Retrato

Pô mano, difícil fala de si próprio, mas vamos lá né! Tipo, meu nome é Marizão, ops, Marcos, mas nem esquentá, todo mundo me chama de mlk, dizem que sou mulleque. Há 2 meses, comecei a namorar a Duda, uma mina muito resposna, ela é show! É a minha gata! Cara, vc devia conhecê-la!

Tenho 17 anos e meu velho me prometeu me dar um carro zero bala quando tiver 18. Pô, vai ser maneiro dar uns rolé pela city com a minha gata! Ah, faço curso de inglês também cara, e trabalho numa pizzaria.

Tipo, eu só um cara que tô sempre na rua sacô? Tipo, sem querer me achar, eu só o cara mlk!



Scarissa Rohr Ansbau - 2º D

Anexo 15

1111

Nunca desista de seus sonhos, batalhe ~~o~~ e conquise
o que você quer em sua vida.

Quando ~~o~~ quer ~~o~~ consegue, quando não quer
nem nos conseguimos.

Não pense negativo nunca ~~o~~ que de certo os
seus sonhos.

Seu de ~~o~~ e seu sendo ~~o~~ não ~~o~~ um pesadelo.

Essa pessoa tem o seu jeito de ser ~~o~~ não
de ~~o~~ agradar os outros.

Daiane 24 de Junho

Anexo 16

16



AXO... q sou assim

Tenho 15 anos, sou estudante, curso o 4º ano do 2º grau, morei no interior do Paraná, C/minha família.

Sou uma menina alegre, espontânea, embora, às vezes, meio pessimista. Pense ser considerada hiperativa, ão pare um mico, mas tenho meus dias de tartaruga "derroga qare poronde" Preguicosa!

Uma das coisas q + aprecio são os esportes, ade-
oro futebol, vôlei, tênis, etc... Na hora d comer, não!

Sou bem gulosa, gosto d doces, tdos os tipos, carne ão gosto mt, frutas sou praticamente uma macaca odoro banana, tônto q muitas frutas preferidas são ela e manga

Tenho boa memória, qare = a do elefante, mas nu-
ma coisa sou bem ão de, pois como sabemos o elefan-
te é um dos maiores seres do mundo, e eu?! Jih...

eu sou uma das memeres memuras da minha idad.

Só pl deixar claro ão é culpa minha, as culpas são meu pais, que mãs hora d acreditar firmem-
te, até q esqueceram... KKKK...

Temfim, deu up/perceber. Sou qare me Prefe-
rô, é a nome do Bonula, mesmo.

Bonula D. Santos

2º ano Duques

Jisu

Anexo 17



meu Gato Fera!

Meu Gato Fera dir ser igual a um príncipe, lgf
 bonito, gente, inteligente, responsável. Mas n' gero me-
 nhum orgulhoso mentiroso.

Desejo um príncipe coraço igual ao d' Rapunzel, q
 arrisga a vida p/ m salvar. N' gero nenhum leão
 mau, q' lig' atrás das costas pronto p/ atacar os im-
 defesos, q' um nome igual ao príncipe d' Cinderela
 q' se apaixone por mim, q' m procure end' eu tiver

N' gero nenhuma q' opera m escola, fige smg por
 ficar. Dir ser feliz, alegre. E q' se sinta sm os meu-
 lodo. Mas espero q' me se voluntariamente m' hoje
 nenhuma Brunca, impetuosa, e mal amada, semelhan-
 te à madrasta de Cinderela, q' fez d' tal p' q' seu ma-
 rido terminasse

Esse pra, meu príncipe, dir ser simpático p/
 conquistar a confiança d' meus pais, fiel p/ permane-
 cer eternamente smg. Tu sei q' ma vida sabe m' erci-
 te ninguém assim, mas semhar opera semhar, m'
 amata

Camilo D. Santos
 2º ano Duvidas

Sissi

Anexo 18

18

CAPRICHIO

Nome: Marcia Benini Bontri
 Série: 2º ano

A vida

A vida é uma oportunidade q temos p/ buscar nossa felicidade e realizações pessoal e profissional, aproveitando cd momento, pois ela é única. Viva a vida agi, pq ela passa mto rápido e se ficarmos parados no tpe, vemos-a em espectadores, qde percebermos já será tarde d+.

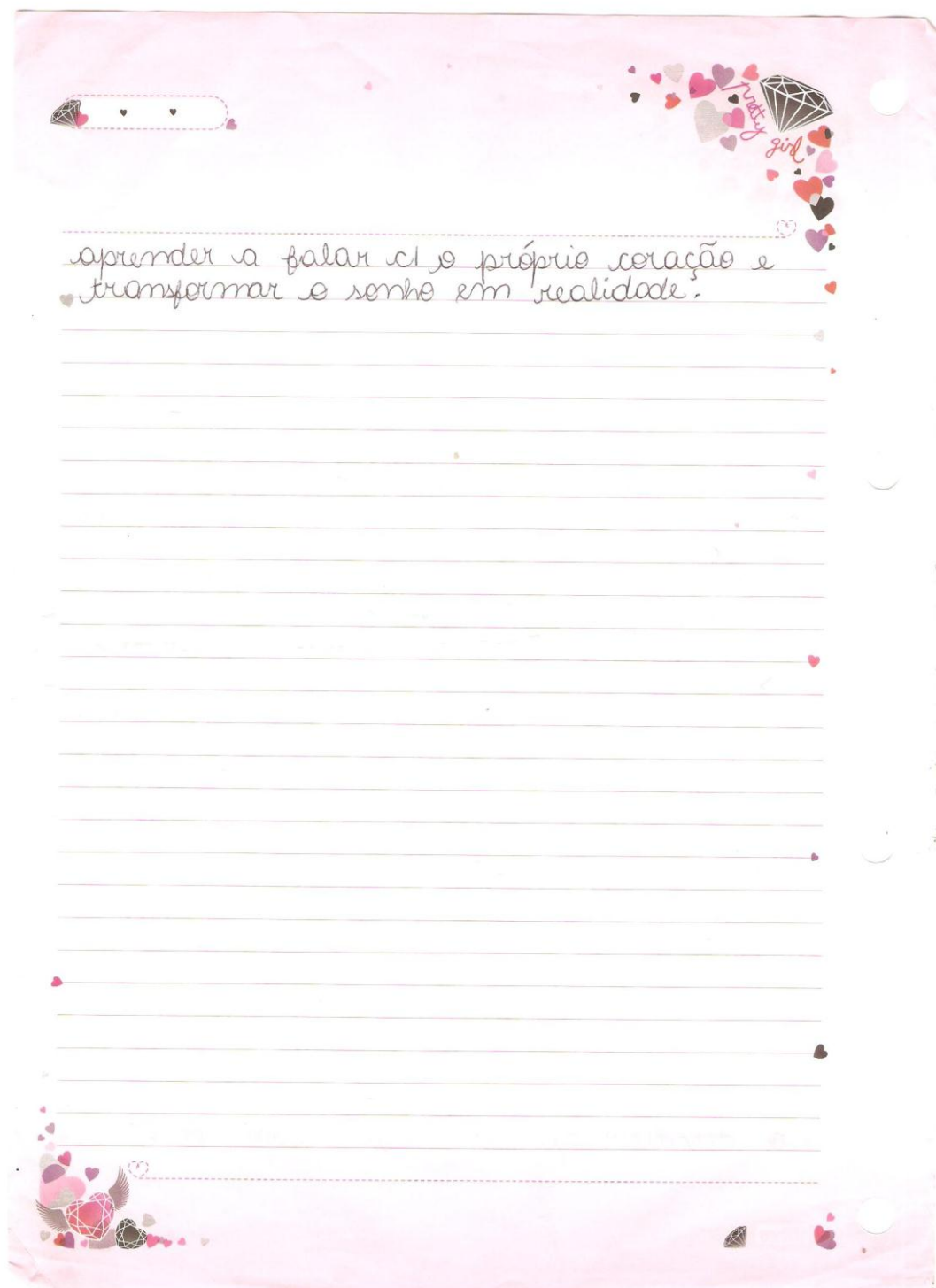
Id na vida são escolhas. Boas ou ruins, ms escolhas. Se nã assumir a responsabilidade das suas escolhas, nã vai chegar onde quer. Assuma o controle da sua vida, e dê a ela o rumo q nã deseja. Se nã quer uma mudança, deve ser o primeiro a mudar.

A dificuldade está onde a colocamos e é do tamanho q queremos q seja. Por isso acredite em nã e siga em frente, sempre. Tenha coragem d voltar atrás, d reconhecer os erros e d recomeçar, pois esta é a única forma d transformar a realidade rumo a uma vida plena e bem-sucedida.

A vida é uma aventura q nos permite descobrir que escolher um caminho é

© EDITORA ABRIL S.A.










tilibra



Anexo 19



Amor: quem entende esse sentimento?

-  O amor é a pag. + linda da vida. Tdú passa, tdú acontece, mas rd um guard amor nngm esquece.
-  Amor é = a 1 seta lançada sem direção, nã tm alvo, nã se vrend, nã escolhe. Se. Amor se dá, nã se vrend, nã se compra, nã se empusta... se conquista
-  Pro q serve o amor?
-  Serve p/ aprendermos com nossos erros experimentando sensações, emoções, momentos especiais, d alegria, d afeto, d respeito, d companheirismo e simplicidad
-  Por tdú isso, 1 verdadeiro amor nunca abanda nossa vida mas simplesmente conquista 1 lugar em nosso Se.
-  O valor das coisas nã está no tempo em q elas duram, mas na intensidad em q elas acontecem. Por
-  isso, existem momentos inesquecíveis, coisas irreplecíveis... como o amor.
-  Um nã ama nã vive, pq a vida só tm sentido qde encontramos algum especial p/ nos contemplar e nos fazer felizes.
-  Um tesouro nem sempre é um amor, mas um grde e verdadeiro amor sempre é 1 tesouro mto valioso.



Lindsay, Pitelli e Joice

2º-D

credeal

Susi